

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**NETWAR: Ativismo na Era da Informação**

**BRUNO DA SILVA FRANCO**

Rio de Janeiro  
Dezembro, 2005

## **NETWAR: Ativismo na Era da Informação**

**BRUNO DA SILVA FRANCO**

Monografia apresentada à Escola de Comunicação Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do diploma de bacharel em Jornalismo

**ORIENTADOR: PROF. DR. JOSÉ AMARAL ARGOLO**

Rio de Janeiro  
Dezembro, 2005

**Folha de Aprovação****NETWAR: Ativismo na Era da Informação**

BRUNO DA SILVA FRANCO

Monografia submetida à banca examinadora da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção de grau em bacharelado em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo.

Rio de Janeiro, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA:**

ORIENTADOR:

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. José Amaral Argolo

EXAMINADOR:

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Victorino Oliveira

EXAMINADOR:

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Mohammed El Hajji

SUPLENTE:

\_\_\_\_\_

Rio de Janeiro  
Dezembro, 2005

FRANCO, Bruno da Silva. *Netwar: Ativismo na Era da Informação*. Orientador: Prof. Dr. José Amaral Argolo. Rio de Janeiro, dezembro de 2005. 62 páginas. Projeto Experimental de Jornalismo. Escola de Comunicação (ECO) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

### **Resumo**

Este trabalho visa o estudo de um conceito relativamente novo e pouco estudado pela sociologia política, a *netwar*. Este termo aplica-se à imbricação entre ativismo político e as tecnologias de informação e comunicação, visando sempre expandir a margem de consenso obtida por um movimento social para além de seu nicho de origem. Para isso, foi necessário consultar as pesquisas pioneiras responsáveis pelo surgimento do termo, bem como as abordagens subseqüentes. Além de esmiuçar a teoria conceitual, partiu-se para duas análises: uma ampla e mais rápida, que desse conta da aplicabilidade múltipla da *netwar* e outra restrita e pormenorizada, um estudo de caso paradigmático. O trabalho dá conta do ativismo, seja pacífico ou violento, sem contudo esquecer-se da necessária resposta por parte dos aparelhos repressivos de Estado, principalmente no setor de inteligência.

Palavras-chaves: *netwar* – ativismo – comunicação – política

### **Abstract**

This work envisages the study of a relatively new concept, not deeply studied by the political sociology, the *Netwar*. This term applies to the bond between political activism and the information and communication technologies, always aiming to expanding the consensus range obtained by a social movement beyond its original site. To accomplish that, was needed the consultation of the pioneer researches which were responsible for the creation of this term, as well as the following approaches. Besides analyzing the conceptual theory, the monography led into two analyzes: a broader and faster one which took care of the multiple applicability of *Netwar* and a narrower and detailed one, a paradigmatic case's study. This work approaches the activism, peaceful or violent, without forgetting the necessary answer given by the repressive state devices, mostly in the intelligence field.

Keywords: *Netwar* – activism – communication - politics

## Dedicatória

Aos meus falecidos pais, aos quais  
devo todas e quaisquer qualidades ou  
méritos que eu possa ter.

## Agradecimentos

Ao meu pai, que foi, é e sempre será meu farol, meu maior referencial. O modelo de como deve ser a conduta de um homem.

À minha mãe, a quem devo o gosto pela leitura, a opção pelo jornalismo e a coesão de uma família maravilhosa.

Às minhas irmãs, que vivenciaram comigo as agruras da vida, bem como seus melhores momentos, com quem sempre pude contar.

Aos meus amigos, pela companhia constante em todos os momentos. Por mostrarem-me que nunca caminhei sozinho. Felizmente tenho muitos, não me cabe nesse momento, nomeá-los todos.

Ao meu amigo Thiago Brigada, jornalista e sociólogo, colega de turma na UFRJ, pela ajuda inestimável na formatação desta monografia.

Ao meu orientador, professor José Amaral Argolo, por suas aulas, por transmitir sua vivência profissional, e por acompanhar esta empreitada.

À Universidade Federal do Rio de Janeiro, em particular, à Escola de Comunicação (ECO), por ter me proporcionado uma vida acadêmica intensa e enriquecedora, que, certamente, deixará saudade.

## Sumário

<b>1. Introdução .....</b>	<b>8</b>
<b>2. Globalização, a Nova Mídia e Biopolítica</b>	
2.1 A busca pela realpolitik.....	11
2.2 Galáxia da Internet: Armas para uma nova guerra.....	16
<b>3. A guerra pela comunicação</b>	
3.1 Guerra em rede.....	25
3.2 Um meio para todos os fins.....	32
3.3 Zapatismo: Caso Paradigmático.....	36
<b>4. A repressão pelo Estado: counternetwar e data-vigilância.....</b>	<b>51</b>
<b>5. Conclusão.....</b>	<b>58</b>
<b>6. Referências bibliográficas.....</b>	<b>61</b>

## 1. Introdução

O trabalho aqui desenvolvido - como pré-requisito para a conclusão do curso de Comunicação Social, na habilitação Jornalismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – tem suas raízes na disciplina Comunicação e Filosofia, cursada pelo autor no primeiro período da faculdade.

Quando a matéria estava próxima ao seu término, o professor Henrique Antoun explicou, em termos gerais, os rumos do pensamento filosófico na chamada pós-modernidade. Completando uma elocução que privilegiava, em especial, a obra *Mil Platôs*, dos filósofos franceses Gilles Deleuze e Félix Guatari, Antoun avançou por questões como rizoma e cibercultura, até focar-se em exemplos mais concretos das mudanças paradigmáticas aventadas pela predominância das tecnologias, sobretudo midiáticas, no cotidiano das mais diversas esferas sociais.

Foi neste ponto que o professor descreveu, em linhas gerais, o conceito de netwar, exemplificando-o com os casos do Movimento Zapatista, no México, e do *Tute Bianche*<sup>1</sup>, na Itália.

Para alunos, recém-egressos do Ensino Médio, aulas desse tipo podem despertar duas emoções, diametralmente opostas. Uma estimulante curiosidade ou preguiçoso desinteresse, e pelo mesmo motivo, a surpreendente novidade que essas aulas, e as idéias por elas abarcadas, representam em suas vidas.

A forma pela qual o movimento italiano reformulou suas estratégias discursivas, rompendo com a ortodoxia marxista – comum a grupos com raízes fabris e/ou sindicais – resultando em uma práxis mais afeita aos apelos midiáticos dos tempos atuais chamou a atenção do autor.

No entanto, o assunto não mais voltou à baila, na referida disciplina, preterido por assuntos não menos importantes e, certamente, mais abrangentes como as obras *Vigiar e Punir*, de Michel Foucault, e *Genealogia da Moral*, de Friedrich Nietzsche.

O interesse do autor pelo tema netwar não arrefeceu. Com o correr dos períodos - e os semestres letivos passaram surpreendentemente rápido - a chegada iminente do fim do

---

<sup>1</sup> *Tute Bianche* significa macacão branco



curso e a necessidade da elaboração de um projeto para a conclusão do mesmo fizeram com que o autor relembresse as longínquas, porém nítidas, aulas de Filosofia, dos tempos de calouro.

A escolha de netwar como tema para monografia teve o intuito de abordar um tema novo, praticamente desconhecido pela maioria dos colegas do autor, sendo que o próprio somente o conheceu após o início das pesquisas. Com esta opção, pretendia-se também explorar estudos sociológicos de vanguarda, que o autor considera mais estimulantes que estudos metodológicos de coberturas factuais por parte da mídia.

A referência fundamental para a revisão bibliográfica foi a obra dos pesquisadores americanos John Arquilla e David Ronfeldt, *Networks and Netwars: The Future of Crime, Terror and Militancy*, que encontra-se disponível, em inglês, no site da organização Rand. É leitura indispensável sobre o tema, e que fornece bons exemplos da aplicação dos conceitos relativos à netwar, em atividades diversas, como movimento anti-globalização, grupos terroristas e cartéis do narcotráfico.

À esta obra somaram-se outras, responsáveis, principalmente, por questões periféricas, afetas à netwar, e que a contextualizam. Tais como a globalização, a política não-partidária, a Internet como veículo e suporte de uma mudança estrutural no tecido social chamada de *Era da Informação*, aparelhos repressivos estatais, sociedade em rede.

O trabalho buscou o elo, que não deve ser ignorado, entre o fenômeno estudado e o contexto responsável pelo seu surgimento. A existência de redes de ativismo e conflito é explicada pela estrutura social, política e tecnológica, que é responsável também pela sua reprodução. Nesta tarefa, foi imprescindível a consulta a autores como Zygmunt Bauman, Antonio Negri, Manuel Castells. Outros foram uma grata surpresa como Lucas Welch, Luca Casarini e Martin Shaw. Muitos mais foram lidos e descartados sob pena da pesquisa perder o foco.

O conceito de netwar é novo, e sua aplicação recente. Todavia, há diversos casos que podem ser estudados, alguns destes citados na obra de Arquilla e Ronfeldt. Para exemplificar e ilustrar bem o que de fato seria netwar, o autor buscou um caso famoso, que pudesse servir de paradigma e reforçar pedagogicamente o conceito.

O episódio escolhido foi o advento de um grupo guerrilheiro inusitado, na pobre província mexicana de Chiapas, o Exército de Libertação Nacional (EZLN).

A progressiva transfiguração de uma guerrilha maoísta, de origem indígena, em um arrojado exemplo de netwar, capaz de arregimentar apoio de cidadãos do mundo todo, incluindo intelectuais de fino escopo como Gabriel García Márquez foi um feito notável.

Para este estudo de caso, foi primordial a rica dissertação de mestrado de Guilherme Gitahy de Figueiredo, que analisa a trajetória do Zapatismo desde seus primórdios.

Houve sobretudo, a preocupação de ser abrangente, sem fazê-lo em demasia. O trabalho enfoca a netwar, o ativismo mobilizador de consensos. Exclui-se portanto, o ciber-crime, o ciber-terrorismo, e organizações como Electronic Disturbance Theater (EDT) que incentivam “uma desobediência civil eletrônica”, disponibilizando ferramentas como Flood.net, capazes de sobrecarregar sistemas e tirar do ar sites de agências governamentais ou grandes empresas.

## 2 – Globalização, a Nova Mídia e Biopolítica

### 2.1 A busca pela *realpolitik*

As estruturas da política global estão em transformação, e isto é uma mudança intrínseca ao processo de globalização. As formas tradicionais de representação e atuação política, convivem lado a lado com os novos atores políticos, em uma transição, que não obstante esteja longe de concluída, é evidente.

O primeiro-ministro britânico Tony Blair afirmou, no curso de seu primeiro mandato, que a globalização econômica deveria ser seguida de uma globalização política<sup>2</sup>. O estabelecimento deste regime político-econômico norteado pelo consenso, que segue as diretrizes do mercado financeiro, aleijou os tradicionais vetores da insatisfação popular, como sindicatos e partidos políticos minoritários.

Massas, guiadas por líderes carismáticos, provam ser cada vez menos capazes de ingerir, verdadeiramente, nos rumos de seus países e conquistar os objetivos que almejam.

A política partidária não mais seduz e mobiliza suas bases pois se mostra inócua. “Os partidos políticos de massa, quando e onde ainda existem, são conchas vazias, mal ativadas com máquinas eleitorais a intervalos regulares” (CASTELLS, 2003, p.116). O interesse popular pela política decorre da busca pela *eudaenomia* (do grego, *eu* = bom e *nomos* = regra), uma boa inserção do cidadão na vida da *polis* (palavra grega, da qual também advém o termo política), ou seja, liberdade para interagir e expressar-se, acesso aos locais públicos e meios de obter sua felicidade.

Mais do que participarem, periodicamente, de eleições, os cidadãos querem uma real participação nas decisões que lhes afetam, pois como esclareceu Hannah Arendt “o objetivo da política é a garantia da vida no sentido mais amplo.” A liberdade e a espontaneidade humanas não conseguem se desenvolver envoltas nas amarras das instituições.

O agir livre e espontâneo não combina com a leitura tradicional do movimento de massas, e, sim, com a dinâmica da multidão (*multitudo*, categoria filosófica, presente desde

---

<sup>2</sup> O discurso proferido em Chicago, no dia 22 de abril de 1999, ficou conhecido como “Doutrina de Comunidade Internacional”

Baruch de Spinoza e retomada por Michael Hardt e Antonio Negri), que expressa singularidades e subjetividades.

À multidão interessa a *realpolitik*, a política baseada em fatores materiais e práticos, mais do que em objetivos teóricos e éticos, que produza resultados perceptíveis no cotidiano.

Este é um período transicional, entretanto. Não haverá uma ruptura radical com as antigas práticas políticas. A globalização é uma força, conseqüente à expansão do capitalismo, que desafia os modelos territorializados de atuação política, os quais sobrevivem, muitas vezes como negação da lógica integradora e uniformizante que se propaga, avassaladora.

Esta força configura a emergente sociedade global, fruto das democracias capitalistas liberais, bem delineada no conceito de *Império*, criado por Michael Hardt e Antonio Negri. A sociedade gerida pelos interesses do capital, que se expande em benefício próprio, assemelha-se à lógica do Império Romano. Um Império de fronteiras abertas e expansivas, entendido como o “mundo civilizado”, fora do qual só existiriam os bárbaros, hostis ou inaptos à sua lei.

O *Império* legisla em nome da paz e da liberdade, não obstante sua prática seja continuamente banhada em sangue, como afirmam Negri e Hardt.

Ironicamente, o *Império* emerge como uma produção mesma das lutas da multidão, o seu antípoda ontológico.

A multidão produz a si mesma como singularidade, resultante da cooperação e dos movimentos de hibridização. As capacidades cooperativas de produção contemporâneas reformulam as características antropológicas da multidão.

A própria efervescência do capitalismo liberal repousa em movimentos, êxodo e cooperação comunitárias, que reforçam suas contradições sistêmicas. O sofrimento da migração, muitas vezes ilegal, traz a semente da produção sistêmica, da produção subjetiva, da hibridização. Revela o desejo de liberdade. “A teleologia da multidão é teúrgica, ela consiste na possibilidade de dirigir tecnologias e produção para sua alegria e para o crescimento de seu próprio poder”. (HARDT *et* NEGRI, 2001, p. 420)

A mobilidade de mercadorias (aí inclusas a força de trabalho e a informação) é condição básica da acumulação capitalista. Ironicamente, os movimentos de indivíduos, de

singularidades e afetos, vistos hoje no seio do *Império*, não vão ao encontro da lógica capitalista. Em geral, a ela se opõem.

“Circulando, a multidão se reapropria de espaços e constitui-se como sujeito ativo”. (HARDT *et* NEGRI, 2001, p. 421)

A certeza dos tempos atuais é de que estamos todos em movimento, mesmo que não queiramos. Como afirma Zygmunt Bauman, “Estamos em mobilidade mesmo que estejamos imóveis: a imobilidade não é uma opção realista num mundo em constante mudança” (BAUMAN, 1999, p.8)

A produção de sentidos emancipou-se da restrição das localidades, que se tornam cada vez mais dependentes de ações simbólicas que dão sentido à condição humana e que elas não mais controlam. “Ser local num mundo globalizado é sinal de privação e degradação social” (BAUMAN, *idem, ibidem*). Contudo, esta é a única condição de vida possível à ampla maioria da população mundial.

Além disso, o capitalismo triunfante arvora-se como o único sistema possível, principalmente após a queda do Muro de Berlim, consequência final de uma evolução histórica dos meios de produção e da economia. Isto leva, no entendimento de Hardt e Negri, à suspensão da História.

Não haveria, nessa lógica, mais espaço para lutas de classes ou para guerras, conduzidas, unilateralmente, por Estados-nações, apenas ações supranacionais de policiamento conduzidas contra inimigos da moral sistêmica.

Isso se traduz na “coalizão de vontades” arregimentada para resolver os conflitos mais recentes, no Kosovo, no Afeganistão e no Iraque. Nestes embates, a vontade de potência dos interesses econômicos foi mascarada pela lógica imperial da afirmação dos valores democráticos e da luta pela liberdade, para os povos dos territórios invadidos, que resultaria em segurança para os cidadãos dos países centrais.

O *Império* exerce sua atuação política em todas as esferas da vida do indivíduo, caracterizando o conceito de *biopolítica*, numa tentativa mesma de regular a natureza humana.

Esta mudança de paradigma se deu sobretudo nas modificações sócio-políticas e econômicas que perfazem a transição de nossa sociedade da era da produção industrial para a era da informação, onde a prestação de serviços e a exportação de capitais são mais

influentes que o investimento diretamente produtivo, e as multidões se integram, uniformizam seus interesses e ressaltam suas diferenças.

A sociedade de controle que, por muito tempo, se julgou mais competente em restringir e coibir o comportamento desviante do que a sociedade disciplinar, mostra-se, doravante, responsável pelo fomento de novas singularidades e agires políticos não tradicionais, *realpolitik*, pela facilidade garantida ao acesso e à circulação de informação.

Em diversos locais do mundo, grupos pequenos e policéfalos (sem liderança reconhecível, *cabeças de hidra*) assumem a vanguarda da representatividade política, reconhecendo as virtudes das novas tecnologias de informação e comunicação e apostando em seu alcance, para escaparem de seus nichos originais de atuação e expressão, articularem-se em nível transnacional e assim aumentarem seus índices de consenso, o que legitimaria seus pleitos.

As formas de conflito, seja este simbólico ou bélico, passa por uma fase de evolução. Jonathan Schell afirma

A terrível violência do século XX guarda uma lição para XXI.. violência, sempre uma marca do fracasso humano e vetor de sofrimento, tornou-se, também, disfuncional como instrumento político. Cada vez mais, ela destrói a finalidade para a qual foi empregada. (SCHELL *apud* WELCH, 2003)

O ativismo político já dava passos rumo a uma nova concepção com líderes como Mohandas “Mahatma” Gandhi, na Índia e Vaclav Havel, na antiga Tchecoslováquia. A resistência ao sistema, nestes casos, almejava mudanças imediatas no cotidiano, o poder estatal tornava-se uma meta secundária. A violência era deplorada, uma vez que brutaliza tanto quem a sofre como quem a emprega.

Há um crescente consenso de que o mundo vive um período transicional de uma sociedade industrial para uma sociedade baseada na informação. Mudanças desta magnitude modificam também a forma como guerras são conduzidas. As tecnologias de comunicação móvel, como conexão sem-fio e mensagens de texto gratuitas recebidas via *Web* ou telefone celular descortinam formas de ação coletiva, previamente, impensáveis.

Como teorizou Howard Rheingold, em sua obra *Smart Mobs: The Next Social Revolution*), essas tecnologias mudaram os princípios de cooperação entre os indivíduos e os sistemas sociais, e os tornam mais aptos a engajarem-se em ações coletivas.

## 2.2 – Galáxia da Internet: Armas para uma nova guerra

Desde o fim do século XX, a Humanidade ingressou em um novo paradigma de comunicação, a “galáxia de internet”, conforme denominou o sociólogo espanhol Manuel Castells – parafraseando Marshall McLuhan – em seu livro homônimo.

O advento da Internet, nos moldes como se estabelece hoje – com difusão e acessibilidade crescentes – tornou-a o alicerce tecnológico para o surgimento de redes sociais, a forma de organização preponderante na Era da Informação.<sup>3</sup>

A Internet é uma ferramenta comunicativa, e como qualquer tecnologia, molda e é moldada por seus usuários.

Esta é a lição fundamental que a história social da tecnologia ensina, e isso é ainda mais verdadeiro no caso da Internet... Como nossa prática é baseada na comunicação, e a Internet transforma o modo como nos comunicamos, nossas vidas são profundamente afetadas por esta nova tecnologia de comunicação. Por outro lado, ao usá-la de muitas maneiras, nós transformamos a própria Internet. (Castells, 2003, p.10)

A importância da Internet para o desenvolvimento de novas formas de relacionamento, de afetos, de constituição de grupos sociais torna o estudo, de suas origens, de seu progresso histórico e de suas possibilidades futuras, imprescindível para que se compreenda de fato a *netwar*.<sup>4</sup>

O surgimento da Internet não projetava inicialmente sua fantástica disseminação na sociedade civil. Seu embrião foi a criação da Arpanet, em setembro de 1969, desenvolvida pela Agência de Projetos Avançados de Pesquisa – *Advanced Research Projects Agency* (ARPA) -, do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, com o intuito de favorecer a interação entre institutos de pesquisa e organismos militares.

A interação ente computadores de diversas instituições foi possível graças à tecnologia de comutação por pacote – que permitia a comunicação descentralizada -,

---

<sup>3</sup> Castells defende que não obstante a organização de redes seja uma prática humana, bem conhecida ao longo da história, as redes “se energizaram” com o suporte de redes eletrônicas.

<sup>4</sup> Conforme afirma Castells, e mostrarei neste trabalho, a Internet foi projetada intencionalmente como uma tecnologia de comunicação livre.



desenvolvida, anteriormente, por Paul Baran, na *Rand Corporation*, e Donald Davies, no *British National Physical Laboratory*.

A Arpanet contava, inicialmente, com quatro nós, na Universidade da Califórnia em Los Angeles, na Universidade da Califórnia em Santa Bárbara, na Universidade de Utah e no *Stanford Research Institute*. Em 1971, já eram 15 nós, a maioria em universidades. Os trabalhos de ciência da computação eram desenvolvidos por cientistas e engenheiros do *Massachusetts Institute of Technology* (MIT) e da Universidade Harvard.

A próxima medida foi articular a Arpanet com outras redes que estavam sendo desenvolvidas nos Estados Unidos. Para que tal fosse possível, as redes de computadores necessitavam de protocolos de comunicação padronizados. Em 1973, em um seminário em Stanford, um grupo de pesquisadores liderados por Robert Kahn, da ARPA; Vint Cerf, da Universidade de Stanford; Gerard Lelann, do grupo francês Cyclades e Robert Metcalf, do Xerox PARC, criou o protocolo de controle de transmissão (TCP). Cinco anos mais tarde, Cerf, Steve Crocker e Jon Postel acrescentaram um protocolo intra-rede (IP), gerando o protocolo TCP/IP, o padrão com o qual a Internet opera até hoje. Em 1983, o Departamento de Defesa criou a MILNET, uma rede específica para fins militares, assim, a Arpanet passou a dedicar-se à pesquisa, chamando-se ARPA-INTERNET.

Em 1990, a Internet, livre de sua origem militar, foi confiada à *National Science Foundation* (NSF). Esse controle perdurou até 1995, com a desregulamentação das telecomunicações e a rápida propagação dos conhecimentos tecnológicos, a NSF encaminhou a Internet à privatização..

Como afirma Castells:

A partir de então (década de 1990), a Internet cresceu rapidamente como uma rede global de computadores. O que tornou isso possível foi o projeto original da Arpanet, baseado numa arquitetura de múltiplas camadas, descentralizadas e protocolos de comunicação abertos. Nessas condições, a Net pôde se expandir pela adição de novos nós e a reconfiguração infinita da rede para acomodar necessidades de comunicação.(CASTELLS, 2003, p.15)

Um fator capital para o rápido desenvolvimento da Internet, bem como para sua democratização, foi abertura dos códigos-fonte dos programas recém-criados e sua livre de

difusão pela rede. Esta atitude, comum à cultura hacker, permite que outros programadores ajudem o inventor de um determinado software a aperfeiçoá-lo.

Esta tendência surgiu com o sistema operacional UNIX, desenvolvido pelos laboratórios Bell. Em 1974, o UNIX foi liberado para as universidades, com a permissão de alteração do código-fonte. Com a possibilidade de um usuário do UNIX copiar arquivos de outro, estudantes do estado norte-americano da Carolina do Norte criaram um programa de comunicação entre computadores UNIX. Isto possibilitou a formação do Usenet News, uma rede fora do *backbone* da Arpanet.<sup>5</sup>

Seguindo o movimento de fonte aberta:

Em 1991, pondo esse princípio em prática, Linus Torvalds, um estudante de 22 anos da Universidade de Helsinki, desenvolveu um novo sistema operacional baseado no UNIX, chamado Linux, e o distribuiu gratuitamente pela Internet, pedindo aos usuários que o aperfeiçoassem e enviassem os resultados obtidos de volta para a Net. O resultado dessa iniciativa foi o desenvolvimento de um robusto sistema operacional Linux, constantemente aperfeiçoado pelo trabalho de milhares de hackers e milhões de usuários, a tal ponto que o Linux é agora considerado um dos sistemas operacionais mais avançados do mundo, em particular para a computação baseada na Internet. (CASTELLS, 2003, p.17)

A Internet tornou-se, definitivamente, uma rede mundial, graças ao programador inglês, Tim Berners-Lee, com o desenvolvimento da *world wide web*. Berners-Lee trabalhava no CERN (Laboratório Europeu para a Física de Partículas), e trabalhava no aperfeiçoamento do sistema de documentação do centro, mas empregou sua criatividade no desenvolvimento de software.

Ele definiu e implementou o software que permitia obter e acrescentar informação de e para qualquer computador conectado à Internet: HTTP, MTML, e URI (mais tarde chamado de URL). Em colaboração com Robert Cailliau, Berners-Lee construiu um programa navegador/editor em dezembro de 1990, e chamou esse sistema de hipertexto de world wide web, a rede mundial. O software do navegador da Web foi lançado na Net pelo CERN em agosto de 1991. Muitos hackers do mundo inteiro passaram a tentar desenvolver os seus próprios navegadores a partir do trabalho de Berners-Lee (...) Assim, em meados da década de 1990, a Internet estava privatizada e dotada de uma arquitetura técnica aberta, que permitia a interconexão de todas as redes de computadores em qualquer lugar do mundo; a www podia então funcionar como um software

---

<sup>5</sup> A infra-estrutura física da rede, por onde passam as correntes elétricas que são compreendidas como sinais. (CASTELLS, 2003, p.15)

adequado, e vários navegadores de uso fácil estavam à disposição do público. (CASTELLS, 2003, pp.18-19)

A Internet opera segundo três princípios, vigentes desde seu começo: “uma estrutura de rede descentralizada; poder computacional distribuído através dos nós da rede; e redundância de funções na rede para reduzir o risco de desconexão” (CASTELLS, 2003, p.20)

O rápido desenvolvimento e a expansão da Internet se explicam pela relação dialética entre a tecnologia e seus usuários, que tornam-se, de fato, seus artífices. Com o baixo custo e relativa simplicidade para a adição de nós à rede, qualquer pessoa com conhecimento tecnológico (e a capacidade de arcar com esse custo, que por menor que seja encontra-se além do poder de compra de parcela significativa da população mundial) pode ligar-se à Internet. Isto levou a uma série de contribuições, que não haviam sido previamente planejadas, como e-mail, salas de *chat*, modem e hipertexto.

O feedback entre tecnologia e seus usuários não constitui uma novidade histórica. Mas, Manuel Castells resalta a singularidade da Internet:

Novos usos da tecnologia, bem como modificações reais nela introduzidas, são transmitidas de volta ao mundo inteiro, em tempo real. Assim, o intervalo entre o processo de aprendizagem pelo uso, e de produção pelo uso, é extraordinariamente abreviado (...) num feedback intenso entre a difusão e o aperfeiçoamento da tecnologia. Foi por isso que a Internet cresceu, e continua crescendo, numa velocidade sem precedentes, não só no número de redes, mas no âmbito das aplicações. (CASTELLS, 2003, p.28)

Castells cita três condições necessárias para tal progresso:

Primeiro, a arquitetura de interconexão deve ser ilimitada, descentralizada, distribuída e multidirecional em sua interatividade; segundo, todos os protocolos de comunicação e suas implementações devem ser abertos, distribuídos e suscetíveis de modificação (embora os criadores de protocolos e implementações de redes conservem a propriedade de parte de seu software); terceiro, as instituições de governo da rede devem ser montadas em conformidade com os princípios enraizados na Internet, da abertura e da cooperação. (CASTELLS, 2003, p.29)

A governabilidade das relações de cooperação e comunicação na Internet teve papel fundamental para que a rede fosse, tal como a conhecemos, livre da regulação de um poder central. A ARPA, por meio do *Network Working Group*, postulou as regras que seriam o substrato futuro de trabalhos de coordenação na rede: “o ingresso baseado na competência técnica, consulta à comunidade da Internet, tomada de decisão por consenso” (CASTELLS, 2003, p. 29).

Atualmente, os protocolos e desenvolvimento da *web* são presididos pelo World Wide Web Consortium (W3C), representados nos Estados Unidos pelo MIT e na Europa pelo INRIA (situado na França), que é dirigido por Tim Berners-Lee.

A atribuição de endereços eletrônicos, por sua vez, é delegada à Internet Corporation for Assigned Names and Numbers (ICANN), proposta originalmente pelo norte-americano Jon Postel<sup>6</sup>. A ICANN é responsável pela “alocação espacial de endereços IP, atribuição de parâmetros de protocolo, administração dos sistemas de nomes de domínio, e administração do sistema de servidores de raiz” (CASTELLS, 2003, p.31)

A ICANN é administrada por um conselho formado por 18 diretores, nove designados por três organizações de apoio (três para cada) e nove eleitos pelos membros da corporação, em votação eletrônica mundial. A ICANN tinha, em 2000, 158.000 membros (qualquer hacker pode pleitear essa condição), todos como direito a voto.

No entanto, a ICANN (cuja sede fica na Califórnia) é muito criticada, sobretudo por países europeus, que a vêem como um domínio norte-americano. Conforme afirma Castells, “os vínculos entre a ICANN e o Departamento de Comércio dos EUA não foram totalmente rompidos” (CASTELLS, 2003, p. 31).

Algo que torna realmente admirável o progresso da Internet e seu governo, é o fato da rede ter se mantido independente da burocracia dos Estados Unidos, sem tornar-se caótica em função de sua natureza descentralizada. “Que isso não tenha ocorrido foi a proeza desses cavalheiros da inovação tecnológica: Cerf, Kahn, Postel, Berners-Lee e muitos outros, que realmente buscaram manter a abertura da rede para seus pares como forma de aprender e compartilhar” (CASTELLS, 2003, p.32).

---

<sup>6</sup> A ICANN foi criada em substituição à IANA (Internet Assigned Numbers Authority), após a morte de seu administrador Jon Postel. Enquanto Postel à frente da IANA, sua administração foi “amplamente reconhecida como justa, consciente e neutra” (CASTELLS, 2003, p. 30)

A Internet é mais do que uma tecnologia ferramental. É também uma estrutura sócio-cultural, que empreende quatro dimensões ou camadas: “a cultura tecno-meritocrática, a cultura hacker, a cultura comunitária virtual e a cultura empresarial” (CASTELLS, 2003, p. 34)

Juntas, estas culturas representam as características basilares da Internet: critérios de excelência, exames pelos pares; liberdade de informação, compartilhamento e aprimoramento tecnológico; interação social seletiva, integração simbólica; difusão de suas práticas por todos os domínios da sociedade como forma de obter lucros materiais.<sup>7</sup>

O vínculo ontológico entre essas expressões culturais e a tecnologia é “a distribuição aberta dos códigos-fonte permite a qualquer pessoa modificar o código e desenvolver novos programas e aplicações, numa espiral ascendente de inovação tecnológica, baseada na cooperação e na livre circulação de conhecimento técnico” (CASTELLS, 2003, p. 35). Castells destaca que sem essa abertura,

Membros da comunidade levariam adiante suas estratégias competitivas individuais, e o processo de comunicação estacionaria estorvando a produtividade intelectual do esforço cooperativo. Isso não é muito diferente da regra básica da pesquisa acadêmica, segundo a qual todos os achados devem ser abertos e comunicados de uma forma que permita o exame, a crítica e a eventual replicação pelos pares (CASTELLS, 2003, p. 37).

O aspecto cultural da rede é fonte de mal-entendidos sobretudo no que tange à ambigüidade do termo hacker. A cultura hacker, cuja ética Pekka Himanen qualificou como sendo “a característica cultural da sociedade informacional” (HIMANEN apud CASTELLS, 2003, p.37) é vítima de uma abordagem precipitada e estereotipada por parte da mídia, cujo olhar a relaciona, via de regra, ao ciber-crime. Castells desfaz essa confusão terminológica:

Os hackers não são o que a mídia diz que eles são. Não são uns irresponsáveis viciados em computadores empenhados em quebrar códigos, penetrar em sistemas ilegalmente, ou criar o caos no tráfego de computadores. Os que se comportam assim são chamados “crackers” e são, em geral, rejeitados pela cultura hacker (...) hackers são aqueles que a

---

<sup>7</sup> Estas características estão descritas com maior profundidade no segundo capítulo de *A Galáxia da Internet*, de Manuel Castells

comunidade hacker reconhece como tais (...) a cultura hacker diz respeito ao conjunto de valores e crenças que emergiu das redes de programadores de computador que interagiam on-line em torno de sua colaboração em projetos autonomamente definidos de programação criativa. (CASTELLS, 2003. p.38)

Um exemplo de hacker, na melhor acepção do termo, é Linus Torvalds, já mencionado neste capítulo, que criou o sistema operacional Linux, quando tinha 22 anos, pelo simples desejo de equipar o seu primeiro computador pessoal com um sistema UNIX. Sem recursos para adquirir este sistema, Linus desenvolveu, ele mesmo, um novo sistema, batizado previamente de Freix.

Querendo que outros participassem do desenvolvimento, Linus divulgou o código-fonte na Internet, e pediu cooperação. Ele continuou a divulgar constantes aperfeiçoamentos. O mesmo fazem centenas de hackers que aderiram ao projeto. Divulgações rápidas, ampla cooperação e total abertura da informação permitiram a testagem extensiva e a depuração do código, de tal forma que, em 1993, o Linux era um sistema operacional melhor que os sistemas UNIX patenteados (...) o Linux é amplamente reconhecido como um dos sistemas operacionais mais confiáveis, em particular para computadores que trabalham na Internet. Em 2001, havia, pelo menos cerca de 30 milhões de usuários de Linux no mundo. Em 2001, vários governos (inclusive os do Brasil, México, Índia, China e França) estavam adotando o Linux e promovendo seu uso. (CASTELLS, 2003, p. 41)

Os colaboradores do sistema empreendem novos projetos, ou testam e depuram os programas recém-criados. “A estrutura modular do software Linux permite que dele se ramifique grande diversidade de projetos sem perda da compatibilidade” (CASTELLS, 2003, p. 43). No tocante à autoridade, “a comunidade aceita a hierarquia da excelência e da superioridade somente na medida em que essa autoridade é exercida para o bem-estar da comunidade como um todo” (CASTELLS, *idem, ibidem*).

O lado não-romântico da emergência desta Era da Informação revela-se na cultura empresarial do chamado Vale do Silício, nos Estados Unidos da América, onde grandes empresas e fortunas surgiram, ou desapareceram, rapidamente, a partir dos anos 1990. “É uma cultura em que a soma de dinheiro a ganhar e a velocidade com que isso ocorrerá são os valores supremos” (CASTELLS, 2003, p.50).

Uma cultura compulsiva do trabalho, que visa a acumulação rápida de capital como parâmetro do sucesso profissional. Esta cobiça prospera às expensas da própria socialização e participação cívica desses empresários.

Os empresários da Internet são, ao mesmo tempo, artistas, profetas e ambiciosos, uma vez que escondem seu autismo social por trás de suas proezas tecnológicas. Por si mesmos, a partir de sua cultura específica, jamais poderiam ter criado um mundo baseado na interconexão e na comunicação. Mas sua contribuição foi/é indispensável à dinâmica cultural de múltiplas camadas geradas pelo mundo da Internet. (CASTELLS, 2003, p.52)

No entanto, não obstante a Internet esteja associada, no imaginário popular, ao isolamento, à encenação de fantasias online, ao estereótipo do *nerd*<sup>8</sup>. Essa associação não resiste à pesquisa empírica, que demonstra que os usos da Net são instrumentais. “O e-mail representa 85% do uso da Internet, e a maior parte desse volume relaciona-se a objetivos de trabalho, a tarefas específicas e a manutenção de contato com a família e os amigos em tempo real” (ANDERSON et TRACY *apud* CASTELLS, 2003, p. 99)

Contrariando a alegação de que a Internet seria indutora de autismo social, Castells afirma que “a interação social na Internet não parece ter um efeito direto sobre a configuração da vida cotidiana em geral, exceto por adicionar interação on-line às relações sociais existentes” (CASTELLS, 2003, pp.100-101). Isto é reforçado pela pesquisa conduzida por Katz, Rice e Aspden, nos Estados Unidos, com base em levantamentos feitos nos anos de 1995, 1996, 1997 e 2000, no qual encontraram “nível mais elevado ou igual de envolvimento comunitário e político entre usuários da Internet e não-usuários” (CASTELLS, 2003, p.101)

Na visão de Manuel Castells, a elevação da complexidade social transformou a sociabilidade,

Com a substituição de comunidades espaciais por redes como formas fundamentais de sociabilidade (...) o padrão de sociabilidade evoluiu rumo a um cerne de sociabilidade construído em torno da família nuclear em casa, a partir de onde redes de laços seletivos são formadas segundo os interesses e valores de cada membro da família (CASTELLS, 2003, p. 107)

---

<sup>8</sup> “*nerds* são pessoas exclusivamente voltadas para atividades científicas e, em geral, socialmente ineptas” (CASTELLS, 2003, p.35)

À medida que a Internet torna-se “um meio essencial de comunicação e organização” em todos os âmbitos de atividade social, “é óbvio que também os movimentos sociais e o processo político a usam, e o farão cada vez mais, como um instrumento privilegiado para atuar, informar, recrutar, organizar, dominar e contradominar” (CASTELLS, 2003, p.114)



### 3 – A guerra pela comunicação

#### 3.1 A Guerra em Rede.

O poder, na visão dos teóricos John Arquilla e David Ronfeldt, está migrando, gradativamente para os atores não-globais. “Eles estão aptos a se organizarem em expansivas redes multiorganizacionais (especialmente, redes do tipo “*all-channel*”, nas quais todos os nós conectam-se uns aos outros) mais rapidamente do que atores estatais, hierárquicos” (Arquilla e Ronfeldt, p.2).

O acesso e o uso da informação sempre foi um fator capital na resolução de conflitos, fosse em guerras internacionais ou em disputas ocorridas no seio do Estado. Em um tempo histórico pautado pelos meios de difusão coletiva, pela comunicação massiva como fora anteriormente conceituada, conflitos serão resolvidos pelo uso do conhecimento e pela obtenção e o manuseio de consensos. A ênfase volta-se, cada vez mais, às operações informacionais, “medidas midiaticamente orientadas, que visam a atrair ou desorientar, mais do que a coagir ... rompimento psicológico pode tornar-se uma meta tão importante quanto a destruição física” (Arquilla e Ronfeldt, p.3).

Os pesquisadores norte-americanos John Arquilla e David Ronfeldt, observando a emergência de conflitos de baixa intensidade, e de espectro social, cunharam o termo *netwar*, convictos de que a articulação em redes de grupos, com doutrinas e orientação semelhantes, cujas células possam atuar conjuntamente, a despeito da distância entre elas, pelo uso das mais sofisticadas tecnologias de comunicação.

Nas palavras dos autores,

O termo refere-se a uma forma emergente de conflito, na qual os protagonistas usam formas de organização em rede, e doutrinas, estratégias e tecnologias adequadas à era da informação. Esses protagonistas consistem em organizações dispersas, pequenos grupos e indivíduos que comunicam, coordenam e conduzem suas campanhas de maneira interligada, freqüentemente, sem um comando central preciso (Arquilla e Ronfeldt, p.6)

Essa forma de atuação, em geral, almeja a atenção de uma sociedade civil global. Pode ter alcance transnacional, regional ou híbrido dos dois, e pode mesmo ser empregada por agentes dos Estados legal e tradicionalmente constituídos.

O conceito é muitas vezes confundido com o que se convencionou chamar de *infowar* ou ciberterrorismo. O ataque à infraestrutura informativa do aparelho estatal não se enquadra, necessariamente, no espectro da *netwar*, mas também é um advento recente, possibilitado pelas ICT's.

A possibilidade de jovens, do terror islâmico e dos grupos de extrema-direita da América do Norte e da Europa Ocidental, causarem transtornos e prejuízos públicos graves, utilizando ferramentas de hackerismo facilmente localizáveis na Web, é cada vez mais provável. Diversas pesquisas conduzidas pelo governo norte-americano indicaram a iminência de ataques ciberterroristas, o que já é levado em conta na elaboração de estratégias pelo Pentágono.

A *netwar* é mais afeita ao *soft power*, a busca ou exercício do poder, de uma maneira mais inteligente, sem uso de força bruta, visando a construção de legitimidade à causa defendida. Em uma *netwar*:

Os protagonistas devem estar muito mais interessados em preservar a Net. Eles podem se beneficiar do uso da Internet e outros serviços avançados de comunicação, para propósitos que vão da coordenação entre eles e recrutar novos membros até projetar sua identidade, difusão de suas mensagens a públicos específicos, e recolher dados sobre seus oponentes (Arquilla e Ronfeldt. p.5)

O uso consciente da Internet e outros aparatos sofisticados de comunicação e a organização de redes de grupos afins para atividades criminosas, como narcotráfico ou terrorismo, e ativismo social, expande as mesmas para além de suas bases éticas.

O prognóstico de Arquilla e Ronfeldt., em seus trabalhos publicados pela organização Rand - o nome tem origem na contração de *Research and Development* -, é que a *netwar* seja um fenômeno crescente nas próximas décadas. A previsão parece confirmar-se com o sucesso de movimentos, como o Zapatismo, que induz grupos mais tradicionais a reverem seus conceitos.

Este foi o caso do grupo italiano Tute Bianche, que após muitos anos de militância tradicional e de afirmar sua identidade como movimento social pelo uso de macacões brancos, soube aperceber-se das tendências que surgem e se impõem.

Nós concluímos que a experiência política, das décadas de 1970 e 80, tinha chegado a um fim.

A experiência do Tute Bianche foi importante em tentar mudar paradigmas, tentar mudar a linguagem, e tentar mudar a forma pela qual se relaciona com outras forças políticas tanto quanto o método de resistência.

... Nós aprendemos muito com os Zapatistas, a idéia de propagar-se e aumentar o alcance do consenso que você obtém. (CASARINI, 2001)

*Netwar* virou objeto sistemático de estudo sociológico, principalmente com o sucesso das estratégias do Movimento Zapatista em angariar simpatia internacional a disputas e reivindicações políticas, previamente, confinadas em isoladas regiões indígenas do território mexicano, como a província de Chiapas.

Teóricos diversos como Manuel Castells, Chris Hables Gray e Harry Cleaver observaram o fenômeno, usando como ferramenta metodológica a base epistemológica elaborada por Arquilla e Ronfeldt. As obras destes autores foram usadas como referência, também, por agências e secretarias de Defesa, nos Estados Unidos e na Europa, que perceberam a necessidade de coordenação entre suas atividades, formando um grupo de trabalho em rede, para compartilhar dados dos serviços nacionais de inteligência, em um esforço internacional que mescla *network* e as tradicionais hierarquias de comando, para lidar com adversários, da Era da Informação.

A literatura (Evans *apud* Arquilla e Ronfeldt) nos mostra três tipos de organização em rede: corrente (*chain*), na qual a comunicação perpassa uma linha de atores separados e os nós intermediários não podem ser desprezados; estrela ou roda (star, wheel or hub), onde todos os atores estão conectados a um nó central; matriz completa ou *all-channel*, o mais complexo tipo de rede, é também o de maior potencial. No *all-channel*, todos os nós conectam-se uns aos outros. Não há liderança central, um alvo capital a ser discernido e atacado. Esse modelo permite autonomia e iniciativa a cada nó, podendo ser a rede acéfala ou policéfala (cabeça de hidra). Isto

explica a sustentação da força e influência do grupo político palestino Hamas, que ao desempenhar a *netwar* de forma policéfala, resiste a campanha de assassinatos seletivos de seus líderes, levada a cabo pelo Mossad, serviço secreto israelense.

A idéia de liderança no grupo italiano *Tute Bianche* é semelhante.

Eu não acho que a rede tenha um centro, porquê ela é feita de muitos centros. A rede pode ter um centro temporário que possa influenciar o restante e atrair o melhor da rede para si. Conseqüentemente, qualquer expressão ou ato de liderança é somente temporário. (CASARINI, 2001)

A eficiência deste modelo, nos ensinam Arquilla e Ronfeldt, repousa no compartilhamento de doutrinas, princípios e metas pelos diversos atores presentes na rede. Tal conjunto de princípios, lapidados por meio de consultas mútuas e construção de consenso, permite que os membros sejam todos uma só mente, mesmo que eles estejam dispersos ou devotados a tarefas diferentes.

Os nós da rede devem ter a capacidade de se comunicarem e coordenarem, com presteza, sem contudo precisarem estar em contato permanente. Muitos movimentos, que utilizam a guerra em rede, são clandestinos, ilegais ou mesmo perseguidos, e protegem os segredos de suas atividades conspiratórias, empreendendo suas ações de forma esporádica e usando, largamente, o recurso da criptografia.

O arquétipo de *netwar* apresentado por Arquilla e Ronfeldt vai ao encontro do que seus predecessores Luther Gerlach e Virginia Hine chamaram de SPIN (*segmented, polycentric, ideologically integrated network* – redes segmentadas, policêntricas e ideologicamente integradas).

O estilo SPIN de organização é muito adaptativo, na opinião de Gerlach, porquê:

1. Sua natureza descentralizada torna-o difícil de suprimir
  2. Partidarismo acentua sua capacidade de penetrar em diversos nichos sociais
  3. Multiplicidade de grupos permite divisão do trabalho e adaptação às circunstâncias.
  4. Fracasso de uma parte não prejudica necessariamente as outras
  5. Competição entre os grupos leva a escalada do esforço
  6. Ela facilita um aprendizado do tipo “tentativa e erro”
  7. Promove inovação
- (GERLACH et HYNE, apud WELCH, 2003)

*Netwar* é um dos resultados da revolução na tecnologia de comunicação. Para atingir o seu potencial, requer o uso intensivo de dispositivos, como: celulares, aparelhos de fax, *web sites*, *e-mail* e vídeo-conferências. São esses aparatos que permitem a integração de agentes dispersos no espaço físico. Não obstante, alguns grupos, cujo alcance e atuação seja mais restrito, podem mesclar a comunicação *hi-tech* com meios mais primitivos, desde arautos até códigos sonoros.

A articulação de princípios de cooperação em uma guerra em rede, a aproxima da análise, feita por Steven Johnson, entre sistemas que organizam a si próprios, assemelhando-se a colônias de formigas, nas quais a inteligência coletiva é mais importante que a soma das partes, e de um conjunto limitado de regras simples emerge uma complexa e sofisticada estrutura.

A coordenação de células dispersas, atuantes na guerra em rede, lhes garante uma dupla força, no ataque e na defesa. Isto foi visto tanto com os ativistas da batalha de Seattle quanto com os guerrilheiros chechenos. O ataque rápido e incisivo, vindo de diferentes direções e focado em um ponto específico, um pulso sustentável, é seguido de retirada e dispersão rápidas e silenciosas, o que traz eficiência à empreitada. Seja este ataque uma agressão física ou simbólica.

Mesmo quando acossada pelo aparato repressivo estatal, a guerra em rede mostra-se sorrateira. Normalmente, apenas parte da rede é encontrada e confrontada. Ainda assim, o próprio design da rede indica a sua capacidade de absorver danos aos seus nós. A rede permanece viável ainda que tenha sido atingida e considerem-na desmantelada.

*Netwar* visa uma mudança de concepção muitas vezes, através de um processo de desorientação de seu público-alvo, a confusão de seus conceitos sobre cultura, governo e sociedade.

Isto desarticula, de igual modo, as estratégias de defesa. “De quem é a responsabilidade de dar a resposta?..Este é um problema político, militar, policial ou de inteligência?” (ARQUILLA *et* RONFELDT, p. 14)

Este é um desafio inusitado ao Estado-nação, acostumado à problematização e à criminalização imediatas do desvio ético, e a aplicabilidade da resposta coercitiva por um agente específico da burocracia.

Lucas Welch, do *Berkman Center for Internet & Society*, de Harvard Law School, outro estudioso do ativismo contemporâneo, contribuiu com critérios que discernem o potencial de uma rede social e democraticamente engajada.

- 1. Comunicar uma forte narrativa** – A narrativa é o tecido conjuntivo, que une, ideologicamente, os participantes de uma rede.
- 2. Comunicação por mídia avançada** – Uma rede é definida também pela qualidade das conexões entre seus membros.
- 3. Prover os indivíduos com motivações e poderes** – Para mobilizar os participantes para a ação coletiva, é importante que tenham benefícios individuais. Prover os “soldados” com as armas para a “batalha” pode ser uma motivação em si mesma.
- 4. Metas concretas** – Sem uma direção clara e metas tangíveis, a rede pode atrofiar.
- 5. Tornar-se um componente integral da sociedade civil** – Estabelecendo um papel construtivo na sociedade, as redes podem reforçar suas narrativas enquanto solidificam suas bases de apoio.
- 6. Possibilitar comunicação horizontal** – Acentua o sentido de identidade coletiva e possibilita o compartilhamento mais eficiente de informação em todos os níveis, de forma que boas idéias possam efetivamente “borbulhar”.
- 7. Encorajar a formação de grupos e auto-organização** – Conceder autonomia a grupos significa, inerentemente, uma perda de controle, mas se há uma forte narrativa com uma visão claramente definida, isto pode traduzir-se em eficácia significativamente acentuada para a rede como um todo.
- 8. Desenvolver potencial de “enxameamento”** – Redes eficientes serão capazes de mobilizar unidades para convergir ou dispersar rapidamente de áreas selecionadas.
- 9. Identificar e compreender transições de fases** – Identificar e entender os limiares críticos nos quais as transições de fases ocorrem é mais uma arte que uma ciência, mas promete grande potencial àqueles que podem prever e captar o poder dessas transições.
- 10. Gerar recursos** – A rede tem a capacidade de obter recursos (dinheiro, idéias, pessoas) para atingir, efetivamente, sua missão? (WELCH, 2003)

Um caso célebre de utilização do conceito de netwar ocorreu na chamada *Batalha de Seattle*, ocorrida à ocasião do encontro da Organização Mundial do Comércio nesta cidade americana. Ativistas de diferentes países e organizações uniram forças em torno de um objetivo comum, o protesto contra a OMC e a condução de um processo liberal de globalização. O testemunho a seguir relata esta experiência.

Na prática, esta forma de organização significava que grupos podiam mover-se e reagir com grande flexibilidade durante o bloqueio. (...)Quando confrontados com gás lacrimogênio, spray de pimenta, balas de borracha e cavalos, grupos e indivíduos poderiam estimar sua própria capacidade de suportar a brutalidade. Assim, linhas de bloqueio resistiram à incrível violência policial. Quando um grupo era finalmente varrido pelo gás e pelos cacetetes, outro se movia para tomar seu lugar. Ainda havia lugar para aqueles dentre nós de meia-idade, com problemas na coluna ou respiratórios para guardar posição em áreas relativamente pacíficas, para interagir e dialogar com representantes, e apoiar a marcha de trabalho que trouxe dezenas de milhares através da área, ao meio-dia. Nenhum líder centralizado poderia ter coordenado a cena em meio ao caos, e nenhum era necessário – a organização autônoma, orgânica mostrou-se muito mais poderosa e eficaz. Nenhuma figura autoritária poderia ter compelido as pessoas a manter linhas de bloqueio, enquanto eram atacadas com gás lacrimogêneo – mas pessoas habilitadas livre para tomarem suas próprias decisões escolheram fazê-lo assim. (STARHAWK apud ARQUILLA et RONFELDT, 2003, p.336)

### 3.2 Um meio para todos os fins

A guerra em rede é uma modalidade discursiva e administrativa, cuja natureza técnica a torna útil a quaisquer tipos de motivações ideológicas. A dimensão social atingida pela cultura da liberdade própria à comunidade hacker, que é sobretudo uma cultura comunicativa, é o que a associa à netwar, bem como demais manifestações sócio-políticas, contemporaneamente..

Movimentos sociais de todo tipo, de grupos ambientais a ideologias extremistas de direita, tiraram proveito da flexibilidade da Net para divulgar suas idéias e articularem-se através do país e do globo. O mundo social da Internet é tão diverso e contraditório, quanto a própria sociedade. Assim, a cacofonia das comunidades virtuais não representa um sistema coerente de valores e normas sociais, como é a cultura hacker (CASTELLS, 2003. p.48)

As modernas tecnologias de informação e comunicação evidenciaram vulnerabilidades dos Estados constituídos e dos mecanismos de gestão pública, alvos preferenciais da netwar, além de propiciarem o intercâmbio supranacional entre indivíduos ou grupos de semelhantes aspirações.

O aparecimento da Internet gerou o primeiro fórum da história para todos os desafetos se reunirem em um lugar, para trocar pontos de vista e reforçarem preconceitos. Não é nada surpreendente, por exemplo, que o método de comunicação favorito das milícias de Extrema Direita seja o e-mail e que os fóruns da Internet sejam a fonte de muitas teorias de conspiração malucas que impulsionam a mídia. (Adams, *apud* Whine)

A conexão entre grupos de pensamentos afins fomenta a expansão e o fortalecimento dos mesmos, e isto já configura motivo de grande preocupação para os sistemas de segurança dos países mais desenvolvidos, quase todos, alvos de grupos extremistas internos e externos.

Enquanto a atenção da mídia global volta-se para o terror dos grupos islâmicos, como o Hamas e a al-Qaeda (ambos afeitos às estratégias da netwar), pautados pelos acontecimentos de 11 de setembro de 2002 nos Estados Unidos e 11 de março na Espanha, países como o Reino Unido, a França e os próprios EUA convivem com desafios internos.



Estas ameaças são, em geral, representadas por cidadãos étnica e culturalmente identificados com seus países, orgulhosos em serem nacionalistas, e hostis às mudanças engendradas pela globalização em suas sociedades. Tais quais a imigração, a perda de soberania, a integração econômica, a participação em organismos internacionais e o multiculturalismo.

Muitos destes grupos empreendem suas ações, às claras, até por acreditarem na ética de seus argumentos, pretensamente irrefutáveis. Isto desvela o contato e a simpatia que movimentos de um país nutrem por grupos de nações vizinhas, o que reforça também o diagnóstico de que a globalização econômica uniformizou ou ainda fez convergir, de certo modo, os interesses e necessidades de povos e entidades distintas, fazendo da multidão um ator político global, de fato.

Isto pode ser visto nas *homepages* dos movimentos, também representados de forma partidária, reacionários, na França e no Reino Unido chamados de Front National. O movimento britânico encontra maior aceitação na Irlanda do Norte, e, atualmente é a quarta força nas eleições britânicas, atrás de liberal-democratas, conservadores e trabalhistas. Na França, o Front National estarreceu o mundo, ao derrotar o ex-primeiro-ministro socialista Lionel Jospin e levar suas polêmicas idéias ao segundo turno das eleições presidenciais, em 2002 (onde terminou fragorosamente derrotado, recebendo apenas 17,94% dos votos).

Estes partidos homônimos, embora independentes entre si, compartilham uma mesma visão, de como deveria ser gerida a máquina estatal. A página do National Front (NF) é farta em detalhes sobre a atuação do partido e sua doutrina. Ao acesso irrestrito de todos que possuem conexão à Internet (ainda um privilégio na periferia do mundo capitalista, mas bem acessível ao seu público-alvo), estão idéias polêmicas como a retirada dos organismos internacionais (ONU, FMI, OTAN e UE), a deportação de imigrantes, associação de negros à criminalidade e de homossexuais à AIDS, e o uso da pena capital (a ser utilizada em largo espectro de casos). O partido, a exemplo de muitos outros grupos europeus e norte-americanos, critica a formação de sociedades multiculturais, levada a cabo, sem consulta prévia, por governos eleitos com frações (por eles consideradas) mínimas (30%, por exemplo) dos votos, não representativos dos anseios da maioria (branca, cristã e inglesa).

Os pontos em comum entre os grupos, comumente identificados como de extrema-direita são muitos. Em geral, eles se identificam como socialistas e nacionalistas, e apontam o internacionalismo e o cosmopolitismo, associados por eles à diáspora e ao capital judaico como causa dos males sociais contemporâneos.

### **International Campaign to Ban Landmines**

Menos controverso e muito mais eficiente na perseguição a suas metas, o *International Campaign to Ban Landmines* (ICBL) é uma rede de atuação política, que, em apenas 13 anos de existência, alcançou notáveis conquistas e impressionante expansão.

Em Outubro de 1992, seis organizações não governamentais criaram a Campanha Internacional para Banir as Minas Terrestres – ICBL, na sigla em inglês. Atualmente, são mais de 1400 ONG's atuando em 90 países. As seis organizações fundadoras foram a Vietnam Veterans of America Foundation, a Human Rights Watch, a Handicap International, a Medico International, a Mines Advisory Group e a Physicians for Human Rights.

Estas entidades testemunharam os horrores provocados pelas minas antipessoal e juntaram-se para resolver o problema pela raiz, lutando pela proibição destes artefatos de forma a que mais nenhum possa ser produzido, vendido ou colocado no futuro, ao mesmo tempo em que lidariam com a crise já existente decorrente de sua utilização.

O único tratado disponível à ocasião era a Convenção de 1980 sobre as Armas Convencionais (CCW), que se mostrava ineficaz para solucionar o problema. O presidente francês François Mitterand, pressionado pelos ativistas franceses, articulou a realização de uma conferência das Nações Unidas em 1995.

A Campanha utilizou os dois anos antes da Conferência de Revisão da CCW para continuar a sensibilizar a opinião pública e fazer *lobby* político. Ativistas da diversas partes do mundo foram para as ruas, as fábricas, os templos, os mercados e escolas para alertar as pessoas sobre a crise das minas e a necessidade de sua proibição.

Ao contrário das outras conferências da ONU, os membros da ICBL foram autorizados a participar nas conferências de Bruxelas e Oslo. Enquanto alguns delegados da ICBL estavam no interior das salas de conferência, outros ativistas continuaram o seu trabalho de campanha para influenciar os delegados, fazendo *briefings* e conferências de

imprensa, emitindo comunicados e alertas, organizando exposições dentro dos *halls* de conferência e eventos nas ruas.

No dia 3 de dezembro de 1997, 122 países assinaram a Convenção sobre a Proibição da Utilização, Armazenagem, Produção e Transferência de Minas Antipessoal e a Sua Destruição, em Ottawa, no Canadá. Em um acontecimento sem precedentes, as ONG's tiveram um papel crucial no processo de negociação de um tratado.

Ao aderir ao acordo, os Estados devem destruir todas as minas armazenadas nos próximos 4 anos, e devem destruir as minas colocadas no solo nos próximos 10 anos, com prorrogações para vários países afetados. O tratado prevê um relatório obrigatório e o fornecimento de assistência à remoção das minas e aos sobreviventes dos países afetados.

O ICBL foi contemplado, em 1997, com o prêmio Nobel da paz, recebido pela sua dirigente norte-americana Jody Williams.

## **MoveOn**

O MoveOn começou em 1998, à ocasião do escândalo sobre o envolvimento da estagiária da Casa Branca, Mônica Legwinski, e o presidente norte-americano Bill Clinton, que resultou na abertura de processo contra o chefe de estado. A campanha se opunha ao impeachment, propondo “*Censure and Move On*” (censure e siga adiante).

A organização foi criada por dois empresários do Vale do Silício, Joan Blades e Wes Boyd. O movimento começou, singelamente, com o envio de e-mails a um grupo de 100 amigos pedindo apoio ao presidente Clinton. Como uma bola de neve descendo a montanha, a mensagem inicial atingiu 500 mil pessoas e foi o catalisador de uma onda, na opinião pública, contrária ao impeachment.

MoveOn continuou, mesmo após o fim deste processo e do mandato de Clinton. Usando simples tecnologia eletrônica, seus numerosos membros assinam petições online, escrevem cartas a editores de jornais, telefonam a congressistas e coletam recursos para diversas causas. Com apenas quatro funcionários pagos, MoveOn tem, atualmente, mais de 2 milhões de membros,

### 3.3 O Caso Paradigmático: O Zapatismo

As origens do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) remontam ao grupo guerrilheiro marxista-leninista Forças de Libertação Nacional (FLN), fundado em 1969. O EZLN adentrou a Selva Lacandona, na província de Chiapas, em 1983, se enraizou, e “o fez quase sem ser descoberto, surpreendendo o México e o mundo em 1994”. (FIGUEIREDO, p.15)

O que realmente interessa a este trabalho e distingue o EZLN de demais movimentos políticos, foi a superação da disputa bélica pelo embate midiático, a superação do regional pelo global.

Após doze dias de combate nunca mais a guerrilha disparou uma bala que pudesse ser alardeada pela imprensa e, tendo já como seu principal líder o subcomandante Marcos, começou a fazer uma “guerra de papel”: comunicados, ações espetaculares e a criação de espaços e mecanismos de participação política. E seu objetivo primordial deixou de ser a tomada do poder por uma vanguarda política para instaurar um regime socialista, como consta nos documentos internos das FLN, para se tornar a democratização política e social do país através da comunicação e da participação. (FIGUEIREDO, 2003, p.16)

A estratégia do EZLN não visava à tomada do poder, de fato, mas a reforma da sociedade mexicana, tornando-o mais justa e democrática, e lançando luz sobre os problemas afetos às etnias indígenas. A violência armada foi utilizada para a abertura de canais de diálogo com o governo e a sociedade civil. Superada essa etapa, os zapatistas construíram redes de solidariedade internacionais, expandindo suas margens de consenso para muito além de Chiapas.

Por tudo que será descrito neste capítulo, o Movimento Zapatista configura-se como um objeto de estudo, genuinamente, novo por parte das Ciências Humanas. O que John Arquilla e David Ronfeldt denominaram *netwar*. Pois, como afirma Anthony Giddens, “fenômenos sociais novos exigem a criação de novos conceitos” (GIDDENS apud FIGUEIREDO, 2003, p.18)

O desenvolvimento do Exército Zapatista de Libertação Nacional tem suas raízes históricas no contexto mexicano dos anos 1970, “estudantes radicalizados, camponeses empobrecidos, um governo repressivo, o começo de uma contração

econômica, a tradição revolucionária, uma cultura da violência e falta de alternativas” (FIGUEIREDO, 2003, p.327). O EZLN não contou ao contrário de outros movimentos armados formados na América Latina com o apoio, e principalmente o financiamento, de Cuba.

Isto fez com que o EZLN se constituísse, em um longo processo de maturação, como uma estrutura descentralizada, na qual hierarquias e redes coexistem.

Embora esta guerrilha estivesse organizada de maneira hierárquica e de acordo com preceitos militares, desde o princípio não se tratava de uma hierarquia rígida, já que as práticas cotidianas eram sobretudo políticas, e também por ela depender dos seus próprios militantes para prover-se de todos os recursos. O principal fator de poder entre os seus membros era a diferença de preparo intelectual entre uma direção formada por intelectuais e profissionais liberais de um lado, e de outro operários e camponeses que recebiam uma intensa e secreta formação política e militar. O que garantia a unidade hierárquica e o segredo eram os rituais de passagem e a possibilidade de ascensão progressiva nos vários graus de inserção para dentro e para cima nesta sociedade secreta. Para operários e camponeses, era também a oportunidade para receber instruções com professores das melhores universidades do país. O isolamento, a composição encabeçada por intelectuais bastante inspirados na história mexicana e a instalação de aparelhos em lugares remotos como Chiapas, tornou possível o caráter heterodoxo de uma ideologia menos agarrada às teorias consagradas do que à reflexão sobre a história e mais permeável às influências culturais dos seus recrutas operários e camponeses. (FIGUEIREDO, 2003, pp. 327-328)

Este processo germinou com a contribuição da Igreja Católica. As comunidades formadas por indígenas migrantes na Selva Lacandona, em Chiapas, na década de 1970, receberam o atendimento da diocese da San Cristóbal de las Casas, que era ligada à teologia da libertação. “A Igreja atraía e facilitava a entrada de laicos e religiosos que desenvolvessem trabalhos sociais e ajudassem os indígenas a organizar movimentos sociais que combatessem as carências que enfrentavam” (FIGUEIREDO, 2003, p. 328). A Igreja era a interface entre a comunidade, desprezada por um Estado ausente e uma elite conservadora e racista, e o mundo exterior.

A Igreja contribuiu para a reestruturação política das comunidades que iam se formando na Selva, (...) E as novas comunidades independentes, com o auxílio de laicos e religiosos que chegavam de outras partes do país e do mundo, puderam formar vigorosos movimentos sociais nos anos 70. (FIGUEIREDO, 2003, p. 329)

A atuação humanitária da Igreja trouxe a presença de ONGs que dialogavam com a sociedade chiapaneca, constituindo o “embrião dos intercâmbios políticos e de informação intensos que se desenvolveriam entre as comunidades zapatistas e a sociedade civil nacional e internacional a partir do levante” (FIGUEIREDO, 2003, p.333)

Além disso, a própria região de Chiapas tem sua história ligada à resistência dos nativos aos invasores espanhóis e à elite *criolla* que seguiu a colonização. A insubmissão do povo local está registrada na nomenclatura de um de seus pontos turísticos, *Cañión del Sumidero* onde:

Reza a lenda que a desaparecida etnia chiapaneca realizou um suicídio coletivo se lançando no precipício, para não se deixar dominar pelos colonizadores que sufocaram a sua rebelião em 1534 após dois anos de resistência. Esta foi apenas a primeira de uma séria de revoltas indígenas, das quais as mais importantes foram a dos zendales entre 1712 e 1713 e a dos chamulas entre 1867 e 1870, e que habitam a memória oral dos indígenas de Chiapas. (FIGUEIREDO, 2003, p. 55)

O Zapatismo influenciou a vida política mexicana, a ponto de converter-se numa moda.

O aspecto misterioso dos zapatistas indígenas, que suscitava tanto ufanismo e tantas desconfianças, assim como a criatividade de Marcos, contribuía para alimentar a curiosidade e o interesse pelo movimento. Mas, esse êxito trazia limites que são próprios da indústria cultural contemporânea, entre eles o de ter que disputar as manchetes jornalísticas com outros temas políticos igualmente importantes. Era preciso manter-se no centro das atenções, embora parte dos setores populares não estivesse incluída em suas propostas, demandas e programas. Por outro lado, o movimento conseguiu instaurar um debate e uma reflexão intensa sobre a questão indígena entre setores da classe média, num país onde cerca de 10% da população se comunica em línguas indígenas e 80% da população é mestiça. Um tema que remete não só ao racismo, à justiça e à democracia no México, mas à própria busca de uma identidade nacional. (FIGUEIREDO, 2003, pp. 39-40)

O impacto do Zapatismo, como fenômeno de comunicação e cultura de massa, no cotidiano mexicano foi particularmente nítido na cidade de San Cristóbal de las Casas, a principal cidade de Chiapas e que concentrou a efervescência política do movimento.

San Cristóbal havia se tornado a porta de entrada do “turismo político”. Nas lojas se podia encontrar cartões postais com o subcomandante Marcos, nas livrarias ou em alguma banca nas praças se achavam os mais variados textos, fitas, vídeos e camisetas. E entre os artesanatos que indígenas vendiam nas ruas e praças também eram vendidos os rebeldes: a toda hora vinha alguma criança pobre tentar vender pequenos bonecos mascarados com arminhas de madeira. (...)

A vida de San Cristóbal mudou muito após o levante, tinha se tornado uma cidade mais cosmopolita, onde circulavam os ativistas e indígenas de outras partes do país. O impacto nos *coletos*, palavra para designar os seus habitantes e especialmente reivindicada por sua elite conservadora e racista era mais difícil de se saber. Eles sempre foram fechados, “ficam trancados dentro de suas casas e não conversam muito”, e após o levante ficaram mais fechados ainda. Eram vítimas de uma situação paradoxal: não queriam a presença dos ativistas, e por isso pediram para que os diálogos do EZLN com o governo não fossem mais na cidade, como em fevereiro de 1994; mas quando as negociações foram retomadas em 1995 na cidade de San Andrés, acabaram pedindo para voltar a ser sede dos diálogos, pois o comércio da cidade já tinha se tornado dependente da presença do “turismo político” (Molina, entrevista, Chiapas, 1/99). Ele estimava que cerca de 3 mil ativistas visitantes tinham passado pelas comunidades zapatistas em 1998 (notas de campo, Chiapas, 1/99). (FIGUEIREDO, 2003, pp. 56-58)

O Exército de Libertação Nacional Zapatista (EZLN) rompeu o isolamento discursivo da província de Chiapas, com a emissão da primeira *Declaración de Selva Lacandona*, abaixo transcrita:

*Declaración de la Selva Lacandona – Hoy Decimos! Basta!*

“Ao povo do México:

Irmãos mexicanos:

Somos o produto de 500 anos de luta: primeiro contra a escravidão, na guerra de Independência contra a Espanha encabeçada pelos insurgentes, depois por evitar sermos absorvidos pelo expansionismo norte-americanos, logo por promulgar a nossa Constituição e expulsar o Império Francês de nosso solo, depois a ditadura porfirista nos negou a aplicação justa das leis da Reforma e o povo se rebelou formando seus próprios líderes, surgiram Villa e Zapata, homens pobres como nós a quem se negou a formação mais elementar para assim utilizar-nos como bucha de canhão e saquear as riquezas de nossa pátria sem lhes importar que estejamos morrendo de fome ou de doenças curáveis, sem lhes importar que não tenhamos nada, absolutamente nada, nem um teto digno, nem trabalho, nem saúde, nem alimentação, nem educação, sem ter direito a eleger livre e

democraticamente as nossas autoridades, sem independência dos estrangeiros, sem paz nem justiça para nós e nossos filhos.

Mas nós Hoje Dizemos Basta!, somos os herdeiros dos verdadeiros forjadores de nossa nacionalidade, os despossuídos somos milhões e chamamos a todos nossos irmãos a que se somem a este chamado como única caminho de não morrer de fome ante a ambição insaciável de uma ditadura de mais de setenta anos encabeçada por uma camarilha de traidores que representa os grupos mais conservadores e vende-pátrias. São os mesmo que se opuseram a Hidalgo e Morelos, que traíram Vicente Guerrero, são os mesmos que venderam mais da metade do nosso solo ao estrangeiro invasor, são os mesmos que trouxeram um príncipe europeu para governar-nos, são os mesmos que formaram a ditadura dos científicos porfiristas, são os mesmos que se opuseram a nacionalização do petróleo, são os mesmo que massacraram os trabalhadores ferroviários em 1958, e os estudantes em 1968, são os mesmos que hoje nos tiram tudo, absolutamente tudo. (*El Despertar Mexicano* apud FIGUEIREDO, 2003, pp. 171-172)

A velocidade da leitura imprime o sentido de urgência, de ruptura, explicitada no lema “já basta”, contrasta com a longa duração e as tradições nacionais evocadas pelo mesmo texto. Dicotomias como esta se tornaram uma constante no discurso e prática zapatistas. Outra dicotomia importante é a ênfase no internacionalismo, combinada com o nacionalismo, embora esta primeira declaração se inscreva nos marcos da nação.

A Declaração teve forte impacto, e em parte isso se deve à reprodução parcial da ideologia oficial que o estado mexicano começou a abandonar na medida em que, a partir de 1982, começou a realizar as reformas neoliberais: o nacionalismo, as referências a momentos históricos fundamentais, os heróis da Revolução de 1910, e os compromissos com a democracia social (terra, saúde, educação, etc). O EZLN aparecia reivindicando essas tradições, e não se pode subestimar o peso da disseminação desses valores e símbolos durante décadas nos discursos oficiais e na educação oficial oferecida pelo Estado. “Uma conquista extraordinária do EZLN (...) foi tirar do regime o monopólio de Emiliano Zapata.” (GRANGE e RICO, apud FIGUEIREDO, 2003, p. 173), se regozijava Carlos Monseváis em carta enviada ao subcomandante Marcos.

Na mesma declaração, o EZLN afirma que “depois de termos tentado de tudo para colocar em prática a nossa Carta Magna, recorreremos a ela, nossa Constituição, para por em prática o artigo 39 Constitucional, que literalmente diz: “a soberania reside essencial e oficialmente no povo. Todo poder público emana do povo e se institui para benefício deste.



O povo tem, em todo o tempo, o inalienável direito de alterar ou modificar a forma de seu governo” (FIGUEIREDO, 2003, p.174).

A Declaração da Selva Lancadona exigia “trabalho, terra, teto, alimentação, saúde, educação, independência, liberdade, democracia, justiça e paz” (*El Despertador Mexicano* apud FIGUEIREDO, 2003, p.175). Como afirma Figueiredo, “demandas tão simples, quanto vagas, que qualquer pessoa entende e considera legítimas, e que se prestam às mais diversas interpretações” (FIGUEIREDO, *ibidem*). Tratavam-se de propostas de reforma constitucional, abertas ao debate com a sociedade civil e *intelligentsia* mexicana, bem como propostas relacionadas à autogestão praticada em comunidades zapatistas.

Este trabalho não tem o intuito de compilar e analisar as ações armadas, nem por parte do EZLN nem por parte do Estado mexicano. No ano de 1994, os zapatistas ocuparam militarmente uma grande área no estado de Chiapas, aproximando-se de Tuxtla (a capital), e controlando seu mais importante município, San Cristóbal de Las Casas. Esta cidade foi especialmente importante para o movimento. “Foi a principal porta de entrada para a imprensa e ONGs que se envolveram com o conflito, e o primeiro palco para as declarações do EZLN diante da opinião pública no país e no exterior” (FIGUEIREDO, 2003, p.177).

Como explicou o subcomandante Marcos à imprensa de seu país, à ocasião da tomada de San Cristóbal de Las Casas:

(...) Este não é um exército guerrilheiro clássico que rouba, seqüestra, ou dá golpes espetaculares para logo agarrar a massa (...) os integrantes deste grupo estão preparados politicamente e se trata de um movimento étnico (...) esta batalha não termina hoje (...) não é o golpe clássico da guerrilha que pega e foge, mas que pega e avança. (LA JORNADA , 02/01/94, apud FIGUEIREDO, 2003, p.179)

Os Zapatistas sempre tiveram a preocupação de expandir suas margens de consenso para além de suas origens étnicas e regionais.

(...) considerou-se que tinha que ficar claro que se tratava de uma guerra nacional, e não só de indígenas. Exagerar no caráter étnico seria levar o EZLN a “um passado de derrotas, de confrontos internos, cruéis e sanguinários”. Era preciso um discurso universalista, que incluísse a todos, inclusive os indígenas e suas culturas. E assim pretendia-se vencer o

isolamento de que padeceram as lutas anteriores. (FIGUEIREDO, 2003, p. 180)

O movimento dos indígenas de Chiapas não desconsiderou o momento político mexicano – o México buscava sua inserção ao Nafta (Acordo de Livre Comércio da América do Norte) e era apontado como modelo a ser seguido pelos demais países latino-americanos -, nem a importância da opinião pública, em sua estratégia. Como demonstrou o subcomandante Marcos em entrevista a Le Bot:

Para nós a estratégia de Salinas de Gortari dentro do neoliberalismo era construir uma campanha de publicidade, apresentando no exterior um país estável, um bom produto que estava vendendo. Se nós conseguíssemos afetar esta campanha publicitária, iríamos conseguir duas coisas: demonstrar o que realmente estava se passando, o que este projeto político, econômico, significava para este país, para os indígenas; mas ademais, iríamos conseguir que México olhasse à sua parte indígena e se desse conta de que estava esquecendo de uma parte dele. Era uma guerra contra o esquecimento (...) tínhamos que conseguir que lhes (o governo) custasse caro atacar a população civil (...) se conseguíssemos chamar rápido a atenção, o aniquilamento ou o fustigamento ou o ataque às comunidades, contra a população civil, iria se dificultar (...) era preciso resistir tempo o suficiente para que a opinião pública nacional e internacional obrigasse o governo a pelo menos ter cuidado com a população civil, ainda que os combatentes zapatistas fossem atacados com tudo. (LE BOT apud FIGUEIREDO, 2003, pp. 180-181).

A reação inicial por parte do governo visou desqualificar o movimento de camponeses “monolíngues”<sup>9</sup> que praticava atos de provocação e violência. O ministro do Interior Ricardo García Villalobos lamentou o atraso histórico de Chiapas, que, em sua visão, não justificava a violação da ordem jurídica. A estratégia estatal incluiu a tentativa de cooptar o movimento com a liberação de recursos para políticas sociais no estado. O uso da força seria decorrente do fracasso desta tentativa.

A violência, que sempre gera notícias de grande repercussão, forneceu, nos primeiros e últimos dias de conflito armado, muitos lucros à imprensa local.

---

<sup>9</sup> não obstante, os indígenas costumam saber sua língua, bem como o espanhol e uma língua indígena vizinha, monoglotas seriam, de fato, o americano e o mexicano médios que só conhecem suas línguas maternas.

Segundo Trejo (1994: 15 e 75), que investigou o tratamento recebido pelo EZLN na mídia mexicana, nunca um assunto havia ocupado tanto espaço em tão pouco tempo nos veículos de comunicação, o que ele atribui à espetacularidade e à rapidez na sucessão dos acontecimentos. Especialmente as publicações que fizeram do tema uma causa própria, editorial, tiveram grandes aumentos de venda. O caso mais conhecido foi o do jornal *La Jornada*, que em treze de janeiro anunciou que a tiragem naquele dia era de 164 mil exemplares, três vezes maior que média diária estimada por Trejo. (FIGUEIREDO, 2003, p.185)

O mais importante, contudo, é que o excesso de notícias sobre o movimento gerava a perda da qualidade informativa, e conseqüente desinformação.

Isto fez com que o EZLN encontrasse na mídia, encontrou na mídia uma arena heterogênea onde galgar posições favoráveis. A abundância de informações permitia que surgissem muitas interpretações e posicionamentos, um campo de indefinições propício para investidas retóricas. A possibilidade de ocorrer censura oficial foi também debilitada pela presença de recursos alternativos como a *internet*, que passaram a ser amplamente usados na difusão e debate dos acontecimentos. E a importância desses meios alternativos pode ter sido ainda maior caso a credibilidade da grande mídia afete o peso desses meios enquanto formadores de opinião. (FIGUEIREDO, 2003, p. 185)

Ao empunhar as bandeiras da justiça social e dos direitos republicanos, e atrair os olhares da opinião pública para Chiapas, os zapatistas geraram inúmeras mobilizações afinadas com suas demandas.

Já no primeiro dia posições deste tipo por parte de intelectuais, religiosos, políticos e articulistas começaram a ter grande destaque na imprensa. No dia três várias ONGs se manifestaram através da imprensa, pedindo a mediação da Igreja. No dia quatro a conferência do Episcopado Mexicano (CEM) reforçou as posições de Samuel Ruiz e pediu que se evitasse a repressão. No quinto dia do ano saiu uma caravana, da Coordenação de ONGs de San Cristóbal de Las Casas pela Paz (reunindo já 14 ONGs), com o objetivo de cruzar a linha de fogo para verificar se estava ocorrendo um massacre ou apenas uma operação tática” (...) No dia sete (...) na Cidade do México ocorreu uma manifestação com dez mil pessoas provenientes também de Puebla, estado do México e Veracruz, organizada pelo Movimento Proletário Independente (MPI) e apoiada pelo Sindicato Único de Trabalhadores do *Autotransporte* Urbano Rota 100 (SUTAUUR), que providenciou o transporte dos militantes (...) Os presidentes Felipe González (Espanha) e Carlos Menem (Argentina) fizeram declarações de apoio à repressão de Salinas, mas as Mães da Praça de Maio, a imprensa francesa, a Comissão Internacional de Juristas condenaram a atuação do

governo mexicano, enquanto Rigoberta Menchú, guatemalteca e prêmio Nobel da Paz, disse que ajudaria como pudesse por uma solução pacífica. No décimo primeiro dia ocorreram mobilizações em San Luis Potosí (estado de San Luis Potosí), Veracruz (estado de Veracruz) e Morelia (estado de Michoacán). A primeira com cerca de trezentas pessoas e chamada por sete organizações cívicas e de direitos humanos, pedindo o reconhecimento como “levante social o movimento’ iniciado pelo EZLN”, uma solução rápida, anistia, fim da manipulação oficial de informações por parte da Televisa e o repúdio do uso do conflito de Chiapas para a perseguição política. (FIGUEIREDO, 2003, pp. 187-188)

O levante armado fora importante como um primeiro passo estratégico para o EZLN, mas a continuação do conflito não interessava nem aos zapatistas, que não tinham força militar suficiente para vencer o confronto e buscava a ampliação de suas alianças, nem ao governo, que queria a boa imagem que o México desfrutava no cenário internacional antes da insurreição.

Além disso, o EZLN declarava não estar em busca do poder político, e sim da democracia e, em particular, eleições livres, sem o que não seria possível a melhora das condições de vida dos mexicanos. (...) não a tomada do poder e nem a revolução socialista, mas reformas políticas profundas, eleições limpas e um estado de direito, um fim à violência e à repressão dos mais humildes, algumas reformas econômicas e sociais incluindo um começo de repartição de terras, uma depuração das forças armadas e de segurança. (FIGUEIREDO, 2003, p. 193)

O isolamento e a modéstia econômica do EZLN e a sua ênfase na dimensão política haviam propiciado a formação de uma guerrilha mais capaz na política do que na guerra clássica de guerrilhas.(FIGUEIREDO, 2003, p.194)

O Movimento Zapatista empreendeu, sobretudo, uma guerra simbólica e não uma guerrilha, no sentido clássico. O esforço de interação midiática possibilitou aos zapatistas vencerem a dimensão geográfica. “Apenas nos primeiros sete meses de 1994 foram 107 textos, o que equivale a cerca de um texto a cada dois dias, e dos quais 37 foram enviados em apenas um mês” (FIGUEIREDO, 2003, p.197).

A comunicação para além de Chiapas era um desafio, dificultado pela necessidade de existir um código comum a um grupo que representava *a priori* diversas etnias indígenas. Esta tarefa de tradução dos anseios da coletividade regional e a redação de textos

que ganhassem o mundo exterior foi uma das principais atribuições do sub-comandante Marcos.

“Segundo Marta Durán, em sua introdução a uma compilação de comentários de Marcos, ‘a palavra do sub é a palavra da comunidade índia, a ponte entre duas culturas, ou melhor dito, entre dois mundos: o indígena e o nosso’” (FIGUEIREDO, 2003, p.197).

Os textos distinguiam-se dos panfletos políticos tradicionais, pelo senso de humor e estilo literário, bem como “elementos estilísticos da tradição oral, a visão de mundo e valores da cultura dos índios maias, entre os quais vale destacar a dominância do caráter moral, uma linguagem geralmente simples, bastante concreta e emotiva” (FIGUEIREDO, 2003, p. 198).

O EZLN, embora buscasse a mais ampla difusão de suas propostas, privilegiou interlocutores específicos como: o jornal chiapaneco Tiempo, os jornais nacionais La Jornada e El Financiero, e a revista Proceso. Os veículos foram escolhidos por sua pluralidade editorial e por apurarem as notícias nos locais onde elas se originaram.

Os comunicados assinados pelo CCRI-CG<sup>10</sup> do EZLN eram enviados e esses órgãos de imprensa de maneira personalizada, em pacotes acompanhados por cartas bem humoradas assinadas por Marcos. Além disso, para esses meios era facilitado o trânsito em território rebelde e o acesso a entrevistas com oficiais da guerrilha. (FIGUEIREDO, 2003, p. 198)

O diálogo como emissários e representantes do governo era preterido por interlocutores como:

(...)povo mexicano, os povos e governos do mundo, as organizações indígenas de Chiapas e do país, a imprensa nacional e internacional, ONGs, o movimento estudantil da UNAM, partidos políticos, órgãos de imprensa, e até mesmo algumas pessoas particulares e os meninos e meninas de Jalisco. (FIGUEIREDO, 2003, p.199)

A abrangência discursiva do EZLN se explicita, no caso dos meninos e meninas de Jalisco. O movimento consegue justificar, a este público bem específico, sua opção pela luta armada, sem deixar de demonstrar a sensibilidade necessária ao trato com crianças.

---

<sup>10</sup> Comitê Clandestino Revolucionário Indígena – Comando Geral

“(…) Assim vivem e morrem nossos meninos e meninas há 501 anos. Nós, seus pais, suas mães, seus irmãos e irmãs, não quisemos mais carregar a culpa de nada fazer por nossos meninos e meninas. Buscamos caminhos de paz para encontrar justiça e encontramos engano, e encontramos prisão, e encontramos golpes, e encontramos morte; encontramos sempre dor e pena. Já não pudemos mais, meninos e meninas de Jalisco, era tanta a dor e a pena. E então tivemos que chegar a encontrar o caminho da guerra, porque o que pedimos com voz não foi escutado. (...)”

(...)

Por isso, meninos e meninas de Jalisco, começamos nossa guerra. Por isso a paz que queremos não é a mesma que tínhamos antes, porque não era paz, era morte e desprezo, era pena e dor, era vergonha. Por isso lhes dizemos, com respeito e carinho, meninos e meninas de Jalisco, que levantem a bandeira da paz com justiça e dignidade e façam poemas de *Plegaria para una vida digna*, e que busquem, acima de tudo, a justiça que é para todos igual ou para ninguém é.” (EZLN *apud* FIGUEIREDO, 2003, p.200)

O tom dos comunicados zapatistas, em geral escritos pelo subcomandante Marcos, aferram-se à dramaticidade, ao tom poético, ao uso de alegorias que reforcem o carisma de suas personagens e demonstrem o compromisso do movimento para com a sociedade mexicana, mostrando-se sensível às suas reações. Como evidencia um comunicado enviado à imprensa em 1994, no qual Marcos afirma ““Por aqui me dou conta da angústia que provocam os *pasamontañas*<sup>11</sup> e as ‘obscuras’ intenções da ‘dirigência’ zapatista’. Os comunicados são para mostrar o que está além das máscaras, aliviar essas angústias de um e de outro lado, estreitar laços, gerar identificação” (FIGUEIREDO, 2003, p.201).

(...)

Tenho a honra de ter como meus superiores os melhores homens e mulheres das etnias tzeltal, tzotzil, chol, tojolabal, mam e zoque. Com eles vivi por mais de 10 anos e me orgulho de obedecê-los e servi-los com minhas armas e minha alma. Têm me ensinado mais do que agora ensinam ao país e ao mundo inteiro. Eles são meus comandantes e os seguirei pelas rotas que elejam. Eles são a direção coletiva e democrática do EZLN, sua aceitação do diálogo é verdadeira como verdadeiro seu coração de luta e verdadeira sua desconfiança de serem enganados de novo. O EZLN não tem nem o desejo nem a capacidade de aglutinar em torno ao seu projeto e seu caminho aos mexicanos todos. Mas tem a capacidade e o desejo de somar sua força à força nacional que anime o nosso país pelo caminho de justiça, democracia e liberdade que nós queremos.

---

<sup>11</sup> gorro, geralmente negro, que cobre todo o rosto e possui orifícios para os olhos e a boca.

Se tivermos que escolher entre caminhos, sempre escolheremos o da dignidade. Se encontramos uma paz digna, seguiremos o caminho da paz digna. Se encontrarmos a guerra digna, empunharemos as nossas armas para encontrá-la. Se encontrarmos uma vida digna, seguiremos vivendo. Se, pelo contrário, a dignidade significa morte então iremos, sem duvidá-lo, a encontrá-la.

O que o EZLN busca para os indígenas de Chiapas deve ser buscado por toda organização honesta em todo o país para todos os mexicanos. O que o EZLN busca com as armas deve ser buscado por toda organização honesta com diferentes formas de luta.

Não tomaremos o país como refém. Não queremos e nem podemos impor à sociedade civil mexicana nossa idéia pela força de nossas armas, como faz o atual governo que impõe com a força das suas armas seu projeto de país. Não impediremos o processo eleitoral vindouro.(...)

Nós pensamos que a mudança revolucionária no México não será produto da ação em um único sentido. Quer dizer, não será, em sentido estrito, uma revolução armada ou uma revolução pacífica. Será, primordialmente, uma revolução que resulte da luta em várias frentes sociais, com muitos métodos, sob diferentes formas sociais, com graus diversos de compromisso e participação. E seu resultado será, não o de um partido, organização ou aliança de organizações triunfante com sua proposta social específica, senão uma sorte de espaço democrático de resolução da confrontação entre diversas propostas políticas. Este espaço democrático de resolução terá três premissas fundamentais que são inseparáveis, já, historicamente: a democracia para decidir a proposta social dominante, a liberdade para subscrever uma ou outra proposta e a justiça a que todas as propostas deverão cingir-se. A mudança revolucionária no México não seguirá um calendário estrito, poderá ser um furacão que estala depois de um tempo de acumulação, ou uma série de batalhas sociais que, paulatinamente, vão derrotando as forças que lhes contrapõem. A mudança revolucionária no México não será sob uma direção única com uma única agrupação homogênea e um caudilho que a guie, mas uma pluralidade com dominantes que mudam mas giram sobre um ponto comum: o tríptico de democracia, liberdade e justiça sobre o que será o novo México ou não será.

A paz social só será se é justa e digna para todos.

O processo de diálogo para a paz vem de uma determinante fundamental, não da vontade política do governo federal, não de nossa suposta força político-militar (que para a maioria segue sendo um mistério), *senão da ação firme do que chamam sociedade civil mexicana*. Desta mesma ação da sociedade civil mexicana, e não da vontade do governo ou da força de nossos fuzis, sairá a possibilidade real de uma mudança democrática no México.

(...) (MARCOS apud FIGUEIREDO, 2003, pp. 201-203)

Os zapatistas aglutinaram em torno de si forças políticas e movimentos sociais de contestação ao regime vigente, com um plano universal de democracia, liberdade e justiça..

“Algo muito vagamente formulado, mas justamente por isso capaz de cumprir o papel

simbólico de denominador comum gerador de coesão para os diferentes sujeitos da transformação” (FIGUEIREDO, 2003, p. 204).

O Zapatismo também promove a mescla de afetos e significados indígenas e ocidentais. A linearidade temporal do Ocidente encontra a temporalidade cíclica das culturas ameríndias.

A liberdade zapatista não é ruptura, mas resignificação. Dor, morte, esquecimento e silêncio, dão lugar à esperança, à vida, à memória e à palavra. E o fio que liga passado e futuro, iniciando um novo ciclo de revolta, é a dignidade, através da qual os mortos vivem. Os mortos de sempre. Os mortos do passado revivem quando os mortos de hoje, os mortos vivos (expressão que aparece em outros textos), vivem ao recomeçar a caminhada de lutas. E assim se dá a emancipação humana. Não através da razão, mas através da dignidade que se expressa através da luta. (FIGUEIREDO, 2003, pp. 209-210)

O EZLN promoveu, na espetacularização de sua atuação militante, o surgimento de símbolos e imagens que marcariam o imaginário coletivo acerca do movimento. A indumentária zapatista – *pasamontañas* e *paliacates*<sup>12</sup> - era parte constituinte desse processo.

A utilização do *pasamontañas* teve diversas justificativas: protegia contra o frio, evitava o surgimento de individualismos e vaidades e permitia que os guerrilheiros voltassem às comunidades, à vida civil, sem serem reconhecidos.

O *pasamontañas* fez um enorme sucesso. Remete aos bandidos e heróis da cultura *pop*, e sintetiza o sentimento de exclusão política gerada pelo autoritarismo, em que o medo da perseguição política torna o anonimato atraente para os que nutrem opiniões dissidentes. Exclusão política que caminha ao lado da exclusão econômica e cultural. (FIGUEIREDO, 2003, p. 219)

A situação chiapaneca deteriorou-se ao longo da década de 80, com a adoção de políticas neoliberais pelo governo mexicano, principalmente no mandato do presidente Salinas de Gortari, agravadas pelo distanciamento da província em relação ao centro político.

---

<sup>12</sup> Lenços vermelhos que cobriam os rostos dos guerrilheiros zapatistas



Além disso, a região contou com o aumento progressivo da militarização em função da proximidade territorial com a guerrilha guatemalteca.

Diante da repressão crescente, a oferta de treinamento para a autodefesa das comunidades foi o que permitiu as FLN passarem do recrutamento individual para a tomada de comunidades inteiras que começavam a constituir o exército popular que se havia planejado sob a sigla EZLN. E o fato de ser uma guerrilha que não apenas treinava para a guerra, mas que no dia a dia priorizava o trabalho político, garantiu que a sua hierarquia fosse suficientemente frouxa para estender-se para o interior das comunidades ao mesmo tempo em que começava a absorver as suas práticas políticas. (FIGUEIREDO, 2003, pp. 329-330)

O EZLN soube, sobretudo, aliar um discurso moral e uma práxis que os identificava às etnias indígenas chiapanecas com recursos discursivos ocidentais e a proposição de valores democráticos capazes de angariar a simpatia de amplos setores da sociedade e diversos atores políticos, não só em Chiapas, não só no México, como em todo o mundo.

O Zapatismo trouxe uma energia nova às tentativas de um contrapoder face ao neoliberalismo, renovando não apenas o discurso mobilizador, como a práxis militante.

O EZLN trazia novos símbolos e uma energia renovada; a presença das modernas tecnologias de comunicação à disposição, senão do EZLN isolado nas comunidades e montanhas, da grande imprensa que encontrou um excelente produto para os seus consumidores, e da sociedade civil que passou a fazer amplo uso da *internet* e outras formas de comunicação alternativa para fazer circular discursos, imagens, sons, e inventar novas formas de debate e articulação política; e os aspectos lúdicos da guerrilha que a tornavam um tema com maior capacidade de penetração nos meios de comunicação grandes e pequenos. (FIGUEIREDO, 2003, p. 333)

Na Primeira Declaração de Selva Lacandona, o EZLN chamou atenção através da insurreição armada, do uso da força física como forma de forçar o diálogo entre atores políticos, essa postura belicosa foi, gradualmente, substituída pela ênfase na comunicação. Como ressalta Guilherme Gitahy de Figueiredo, “o EZLN colocou como seu objetivo mais importante não só um novo México, mas um novo mundo construído com os tijolos da palavra” (FIGUEIREDO, 2003, p. 312)

A estratégia do EZLN prioriza uma política de comunicação e de ações espetaculares não-violentas, visando não somente penetrar na grande mídia, mas também

ampliar a “circulação cada vez mais difusa de informações e debates sobre o zapatismo através da *internet* e outros meios de comunicação alternativos” (FIGUEIREDO, 2003, p. 334).

A estratégia que o Zapatismo mantém, a partir da Quinta Declaração de Selva Lancadona, até a realização desta monografia:

Ao invés de buscar a renovação permanente da sua visibilidade e de iniciativas para fomentar espaços de comunicação e participação, passou a concentrar os seus esforços em alguns poucos porém muito espetaculares eventos, e surgiram também os períodos de “silêncio”, em que o EZLN passa longas temporadas sem lançar comunicados (FIGUEIREDO, 2003, p. 338)

O EZLN configurou-se como arquétipo de netwar, na evolução histórica que engendrou diversas inovações em seu modo de agir. A importância que o movimento dá organização e atuação em rede, expressa-se na Segunda Declaração de La Realidad pela Humanidade e Contra o Neoliberalismo, na qual convocava ativistas do mundo inteiro a formar uma “rede internacional de resistência”<sup>13</sup>, para que lutas nacional ou regionalmente localizadas utilizassem canais de comunicação para apoio e solidariedade mútuos, “mas sem uma estrutura organizativa, sem um centro diretor e nem decisório, sem direção e sem hierarquias” (FIGUEIREDO, 2003, p.323).

---

<sup>13</sup> As aspas são de Guilherme Gitahy de Figueiredo.

#### 4. A repressão pelo Estado: counternetwar e data-vigilância

Embora tenha sido criada como um instrumento libertário, a Internet tornou-se também o terreno da vigilância. Historicamente, a capacidade de difundir ou controlar informação foram pressupostos importantes para o exercício do poder, e isto é especialmente válido na “galáxia da internet”.

A concepção inicial da Net, na cultura hacker, lançou este paradigma de liberdade.

Sua arquitetura de interconexão irrestrita de computadores, baseada em protocolos que interpretam a censura como uma falha técnica, e simplesmente a burlam na rede global, tornava difícil – embora não impossível – controlá-la. Isso não está na “natureza” da Internet: isso é a própria Internet (CASTELLS, 2003. p.139)

Não obstante os serviços de inteligência norte-americanos – a exemplo da NSA – *National Security Agency* - sejam os principais articuladores de sistemas de vigilância eletrônica, é nos próprios Estados Unidos, onde se encontra o núcleo do *backbone* global, que as garantias jurídicas são mais utilizadas em defesa da liberdade de expressão. Como declarou em 1996, um tribunal federal da Pensilvânia: “Assim como a força da Internet é o caos, assim a força da liberdade depende do caos e da cacofonia da expressão livre que a Primeira Emenda protege” (LEWIS *apud* CASTELLS, 2003, p. 140). O mesmo tribunal revogou o *Communications Decency Act*, que estabeleceria base legal para o controle da informação eletrônica, alegando a proteção das crianças americanas face à pedofilia.

No entanto, os protocolos da Internet permitem a identificação e o rastreamento de rotas de comunicação.

Com o uso dessas tecnologias, é possível violar a privacidade, e uma vez que se torna possível relacionar indivíduos com processos específicos de comunicação em contextos institucionais específicos, todas as formas tradicionais de controle político e organizacional podem ser lançadas sobre o indivíduo em rede (CASTELLS, *idem, ibidem*)

O interesse pela vigilância dos dados eletrônicos não é uma iniciativa restrita aos aparelhos de inteligência e repressão estatais. A privacidade da comunicação eletrônica é

alvo sobretudo da cultura empresarial presente na Net, que visa a comercialização de serviços e produtos.

Segundo Castells, há três tipos de tecnologias de controle, respectivamente: de identificação, de vigilância e de investigação. As três “se fundam em dois pressupostos básicos; o conhecimento assimétrico dos códigos da rede; e a capacidade de definir um espaço específico de comunicação suscetível de controle” (CASTELLS, 2003, p.141)

As tecnologias de identificação utilizam procedimentos de autenticação, dentre os quais os *cookies*, que são marcadores inseridos nos discos rígidos dos computadores por websites aos quais os internautas tenham se conectado. Os servidores desses websites registram automaticamente todos os movimentos on-line do usuário.

As tecnologias de vigilância, por sua vez, “interceptam mensagens, instalam marcadores que permitem o rastreamento de fluxos de comunicação a partir de uma localização específica de computador e monitoram a atividade de máquinas 24 horas por dia” (CASTELLS, *idem, ibidem*)

Já as tecnologias de investigação utilizam as informações armazenadas rotineiramente para a criação de bancos de dados.

Uma vez que dados são coletados em forma digital, todos os itens de informação contidos no banco de dados podem ser agregados, desagregados, combinados e identificados de acordo com o objetivo e o poder legal (...) no ambiente tecnológico atual, toda informação tecnologicamente transmitida é gravada, podendo vir a ser processada, identificada e combinada numa unidade de análise coletiva ou individual (CASTELLS, 2003, p. 142)

O cerceamento à liberdade de navegação na Net começa no próprio ambiente de trabalho. Em estudo citado por Manuel Castells, em seu capítulo *Privacidade e Liberdade no Ciberespaço*, na obra *Galáxia da Internet*, em abril de 2000, 73,5% das empresas americanas fiscalizavam possíveis usos indevidos da rede por parte de seus funcionários.

Outro fator decisivo para o fim da privacidade é a economia do comércio eletrônico. Na medida em que muitas companhias obtém seus rendimentos por meio da venda de publicidade e serviços de marketing, a maioria coleta e utiliza dados de clientes em proveito próprio ou de parceiros. “Nos Estados Unidos, 92% dos websites coletam dados

peçoais de seus usuários e os processam segundo seus interesses comerciais” (LESSIG *apud* CASTELLS, 2003, p.143).

Castells afirma que a identificação digital é a regra na indústria de software. Produtos da Microsoft, como “Word97 e o Powerpoint97, incluem identificadores em cada documento que produzimos com a ajuda desses programas. A partir da identidade desses documentos é possível identificar o computador que os originou” (CASTELLS, 2003, p. 144).

No entanto, o mais importante para os estudos relacionados à netwar, é a compreensão que “a soberania do Estado começou com o controle da informação” (CASTELLS, 2003, p. 146). Cientes deste fato, os governos das principais potências mundiais, em especial, os países anglo-saxões, decidiram agir de maneira conjunta, compartilhar poder e assim agir como uma rede, no setor de vigilância e inteligência.

A infra-estrutura de comunicações eletrônicas mostra-se vulnerável à interferência e invasão.

Ondas incessantes de vírus e vermes vagam pela Internet, crackers rompem *firewalls*, números de cartões de crédito são roubados, ativistas políticos assumem o controle de websites, arquivos de computadores militares são transferidos de um lado para outro no mundo, e consegue se extrair software confidencial até da rede interna da Microsoft (CASTELLS, *idem, ibidem*)

Em função disso, diversos Estados, principalmente o Reino Unido e os Estados Unidos desenvolveram seus programas de vigilância, como o *Echelon*, que interfere em mensagens eletrônicas e de telecomunicações, o programa *Carnivore*, desenvolvido pelo FBI, bem como ferramentas mais recentes, tais quais *Digital Storm* e *Semantic Forests*.

*Carnivore* –assim chamado pois seria capaz de “digerir” a informação coletada - é capaz de escanear milhões de e-mails por segundo, bem como monitorar transações bancárias e comércio eletrônico. Ele consiste em um software instalado em escritórios de provedores de acesso à Internet, tendo acesso a todas as mensagens que passam por esses provedores, não somente àquelas potencialmente criminosas. É semelhante ao SORM, que supostamente é instalado nos servidores de empresas russas.

Abaixo segue uma lista, elaborada pelo site *rense.com*, com supostas palavras-chave, procuradas pelo *Carnivore* em comunicações eletrônicas, intermediadas por

provedores norte-americanos. É basicamente o mesmo princípio adotado por programas congêneres.

Explosives, guns, assassination, conspiracy, primers, detonators, initiators, main charge, nuclear charges, ambush, sniping, motorcade, IRS, BATF, jtf-6, mjtf, hrt, srt, hostages, munitions, weapons, TNT, rdx, amfo, hmted, picric acid, silver nitrite, mercury fulminate, presidential motorcade, salt peter, charcoal, sulfur, c4, composition b, amatol, petn, lead azide, lead styphante, ddnf, tetryl, nitrocellulose, nitrostarch, mines, grenades, rockets, fuses, delay mechanism, mortars, rpg7, propellants, incendiaries, incendiary device, thermite, security forces, intelligence, agencies, hrt, resistance, psyops, infiltration, assault team, defensive elements, evasion, detection, mission, communications, the football, platter charge, shaped charges, m118, claymore, body armor, charges, shrapnel, timers, timing devices, boobytraps, detcord, pmk 40, silencers, Uzi, HK-MP5, AK-47, FAL, Jatti, Skorpion MP, teflon bullets, cordite, napalm, law, Stingers, RPK, SOCIMI 821 SMG, STEN, BAR, MP40, HK-G3, FN-MAG, RPD, PzB39, Air Force One, M60, RPK74, SG530, SG540, Galil arm, Walther WA2000, HK33KE, Parker-Hale MOD. 82, AKR, Ingram MAC10, M3, L34A1, Walther MPL, AKS-74, HK-GR6, subsonic rounds, ballistic media, special forces, JFKSWC, SFOD-D! , SRT, Rewson, SAFE, Waihopai, INFOSEC, ASPIC, Information Security, SAI, Information Warfare, IW, IS, Privacy, Information Terrorism, Kenya, Terrorism Defensive Information, Defense Information Warfare, Offensive Information, Offensive Information Warfare, NAIA, SAPM, ASU, ECHELON ASTS, National Information Infrastructure, InfoSec, SAO, Reno, Compsec, JICS, Computer Terrorism, Firewalls, Secure Internet Connections, RSP, ISS, JDF, Passwords, NAAP, DefCon V, RSO, Hackers, Encryption, ASWS, Espionage, USDOJ, NSA, CIA, S/Key, SSL, FBI, Secret Service, USSS, Defcon, Military, White House, Undercover, NCCS, Mayfly, PGP, SALDV, PEM, resta, RSA, Perl-RSA, MSNBC, bet, AOL, AOL TOS, CIS, CBOT, AIMSX, STARLAN, 3B2, BITNET, Tanzania, SAMU, COSMOS, DATTA, E911, FCIC, HTCIA, IACIS, UT/RUS, JANET, ram, JICC, ReMOB, LEETAC, UTU, VNET, BRLO, SADCC, NSLEP, SAACLANTCEN, FALN, 877, NAVELEXSYSSECENGCEN, BZ, CANSLO, CBNRC, CIDA, JAVA, rsta, Awarehouse, Active X, Compsec 97, RENS, LLC, DERA, JIC, ri! p, rb, Wu, RDI, Mavricks, BIOL, Meta-hackers, ^?, SADT, Steve Case, Tools, RECCEX, Telex, OTAN, monarchist, NMIC, NIOG, IDB, MID/KL, NADIS, NMI, SEIDM, BNC, CNCIS, STEEPLEBUSH, RG, BSS, DDIS, mixmaster, BCCI, BRGE, SARL, Military Intelligence, JICA, Scully, recondo, Flame, Infowar, Bubba, Freeh, Donaldson, Archives, ISADC, CISSP, Sundevil, jack, Investigation, JOTS, ISACA, NCSA, ASVC, spook words, RRF, 1071, Bugs Bunny, Verisign, Secure, ASIO, Lebed, ICE, NRO, Lexis-Nexis, NSCT, SCIF, FLiR, JIC, bce, Lacrosse, Bunker, Flashbangs, HRT, IRA, EODG, DIA, USCOI, CID, BOP, FINCEN, FLETC, NIJ, ACC, AFSPC, BMDO, site, SASSTIXS, NAVWAN, NRL, RL, NAVWCWPNS, NSWC, USAFA, AHPCRC, ARPA, SARD, LABLINK, USACIL, SAPT, USCG, NRC, ~, O, NSA/CSS, CDC, DOE, SAAM, FMS, HPCC, NTIS, SEL, USCODE, CISE, SIRC, CIM, ISN, DJC,

bemd, SGC, UNCPCJ, CFC, SABENA, DREO, CDA, SADR, DRA, SHAPE, bird dog, SAACLANT, BECCA, DCJFTF, HALO, SC, TA SAS, Lander, GSM, T Branch, AST, SAMCOMM, HAHO, FKS, 868, GCHQ, DITSA, S! ORT, AMEMB, NSG, HIC, EDI, benelux, SAS, SBS, SAW, UDT, EODC, GOE, DOE, SAMF, GEO, JRB, 3P-HV, Masuda, Forte, AT, GIGN, Exxon Shell, radint, MB, CQB, CONUS, CTU, RCMP, GRU, SASR, GSG-9, 22nd SAS, GEOS, EADA, SART, BBE, STEP, Echelon, Dictionary, MD2, MD4, MDA, diwn, 747, ASIC, 777, RDI, 767, MI5, 737, MI6, 757, Kh-11, EODN, SHS, ^X, Shayet-13, SADMS, Spetznaz, Recce, 707, CIO, NOCS, Halcon, NSS, Duress, RAID, Uziel, wojo, Psyops, SASCOM, grom, NSIRL, D-11, SERT, VIP, ARC, S.E.T. Team, NSWG, MP5k, SATKA, DREC, DEVGRP, DF, DSD, FDM, GRU, LRTS, SIGDEV, NACSI, MEU/SOC, PSAC, PTT, RFI, ZL31, SIGDASYS, TDM, SUKLO, SUSLO, TELINT, fake, TEXTA, ELF, LF, MF, SIGS, VHF, Recon, peapod, PA598D28, Spall, dort, 50MZ, 11Emc Choe, SATCOMA, UHF, SHF, ASIO, SASP, WANK, Colonel, domestic disruption, 5ESS, smuggle, Z- 200, 15kg, UVDEVAN, RFX, nitrate, OIR, Pretoria, M-14, enigma, Bletchley Park, Clandestine, NSO, nkvd, argus, afsatcom, CQB, NVD, Counter Terrorism Security, SARA, Rapid Reaction, JSOF! C3IP, Corporate Security, Police, sniper, PPS, ASIS, ASLET, TSCM, Security Consulting, M-x spook, Z-150T, High Security, Security Evaluation, Electronic Surveillance, MI-17, ISR, NSAS, Counterterrorism, real, spies, IWO, eavesdropping, debugging, CCSS, interception, COCOT, NACSI, rhost, rhosts, ASO, SETA, Amherst, Broadside, Capricorn, NAVCM, Gamma, Gorizont, Guppy, NSS, rita, ISSO, submiss, ASDIC, .tc, 2EME REP, FID, 7NL SBS, tekka, captain, 226, .45, nonac, .li, Ionosphere, Mole, Keyhole, NABS, Kilderkin, Artichoke, Badger, Emerson, Tzvrif, SDIS, T2S2, STTC, DNR, NADDIS, NFLIS, CFD, quarter, Cornflower, Daisy, Egret, Iris, JSOTF, Hollyhock, Jasmine, Juile, Vinnell, B.D.M., Sphinx, Stephanie, Reflection, Spoke, Talent, Trump, FX, FXR, IMF, POCSAG, rusers, Covert Video, Intiso, r00t, lock picking, Beyond Hope, LASINT, csystems, .tm, passwd, 2600 Magazine, JUWTF, Competitor, EO, Chan, Pathfinders, SEAL Team 3, JTF, Nash, ISSAA, B61-11, Alouette, executive, Event Security, Mace, Cap-Stun, stakeout, ninja, ASIS, ISA, EOD, Oscor, Merlin, NTT, SL-1, Rolm, TIE, Tie-fighter, PBX, SLI, NTT, MSCJ, MIT, 69, RIT, Time, MSEE, Cable & Wireless, CSE, SUW, J2, Embassy, ETA, Fax, finks, Fax encryption, white noise, Fernspah, MYK, GAFE, forcast, import, rain, tiger, buzzer, N9, pink noise, CRA, M.P.R.I., top secret, Mossberg, 50BMG, Macintosh Security, Macintosh Internet Security, OC3, Macintosh Firewalls, Unix Security, VIP Protection, SIG, sweep, Medco, TRD, TDR, Z, sweeping, SURSAT, 5926, TELINT, Audiotel, Harvard, 1080H, SWS, Asset, Satellite imagery, force, NAIAG, Cypherpunks, NARF, 127, Coderpunks, TRW, remailers, replay, redheads, RX-7, explicit, FLAME, JTF-6, AVN, ISSSP, Anonymous, W, Sex, chaining, codes, Nuclear, 20, subversives, SLIP, toad, fish, data havens, unix, c, a, b, d, SUBACS, the, Elvis, quiche, DES, 1\*, NATIA, NATOA, sneakers, UXO, (), OC-12, counterintelligence, Shaldag, sport, NASA, TWA, DT, gtepsc, owhere, .ch, hope, emc, industr! ial espionage, SUPIR, PI, TSCI, spookwords, industrial intelligence, H.N.P., SUAEWICS, Juiliett Class Submarine, Locks, qrss, loch, 64 Vauxhall Cross, Ingram Mac-10, wwics, sigvoice, ssa, E.O.D., SEMTEX, penrep, racial, OTP, OSS, Siemens,

RPC, Met, CIA-DST, INI, watchers, keebler, contacts, Blowpipe, BTM, CCS, GSA, Kilo Class, squib, primacord, RSP, Z7, Becker, Nerd, fangs, Austin, noId, Comirex, GPMG, Speakeasy, humint, GEODSS, SORO, M5, BROMURE, ANC, zone, SBI, DSS, S.A.I.C., Minox, Keyhole, SAR, Rand Corporation, Starr, Wackenhutt, EO, burhop, Wackendude, mol, Shelton, 2E781, F-22, 2010, JCET, cocaine, Vale, IG, Kosovo, Dake, 36,800, Hillal, Pesec, Hindawi, GGL, NAICC, CTU, botux, Virii, CCC, ISPE, CCSC, Scud, SecDef, Magdeyev, VOA, Kosiura, Small Pox, Tajik, +=, Blacklisted 411, TRDL, Internet Underground, BX, XS4ALL, wetsu, muezzin, Retinal Fetish, WIR, Fetish, FCA, Yobie, forschung, emm, ANZUS, Reprieve, NZC-332, edition, cards, mania, 701, CTP, CATO, Phon- e, Chicago! Posse, NSDM, l0ck, spook, keywords, QRR, PLA, TDYC, W3, CUD, CdC, Weekly World News, Zen, World Domination, Dead, GRU, M72750, Salsa, 7, Blowfish, Gorelick, Glock, Ft. Meade, NSW, press- release, WISDOM, burned, Indigo, wire transfer, e-cash, Bubba the Love Sponge, Enforcers, Digicash, zip, SWAT, Ortega, PPP, NACSE, crypto-anarchy, AT&T, SGI, SUN, MCI, Blacknet, SM, JCE, Middleman, KLM, Blackbird, NSV, GQ360, X400, Texas, jihad, SDI, BRIGAND, Uzi, Fort Meade, \*&, gchq.gov.uk, supercomputer, bullion, 3, NTT, Blackmednet, :, Propaganda, ABC, Satellite phones, IWIS, Planet-1, ISTA, rs9512c, South Africa, Sergeev, Montenegro, Toeffler, Rebollo, sorot, cryptanalysis, nuclear, 52 52 N - 03 03 W, Morgan, Canine, GEBA, INSCOM, MEMEX, Stanley, FBI, Panama, fissionable, Sears Tower, NORAD, Delta Force, SEAL, virtual, WASS, WID, Dolch, secure shell, screws, Black-Ops, O/S, Area51, SABC, basement, ISWG, \$ @, data-haven, NSDD, black-bag, rack, TEMPEST, Goodwin, rebels, ID, MD5, ID! EA, garbage, market, beef, Stego, ISAF, unclassified, Sayeret Tzanhanim, PARASAR, Gripan, pirc, curly, Taiwan, guest, utopia, NSG, orthodox, CCSQ, Alica, SHA, Global, gorilla, Bob, UNSCOM, Fukuyama, Manfurov, Kvashnin, Marx, Abdurahmon, snullen, Pseudonyms, MITM, NARF, Gray Data, VLSI, mega, Leitrim, Yakima, NSES, Sugar Grove, WAS, Cowboy, Gist, 8182, Gatt, Platform, 1911, Geraldton, UKUSA, veggie, XM, Parvus, NAVSVS, 3848, Morwenstow, Consul, Oratory, Pine Gap, Menwith, Mantis, DSD, BVD, 1984, blow out, BUDS, WQC, Flintlock, PABX, Electron, Chicago Crust, e95, DDR&E, 3M, KEDO, iButton, R1, erco, Toffler, FAS, RHL, K3, Visa/BCC, SNT, Ceridian, STE, condor, CipherTAC-2000, Etacs, Shipiro, ssor, piz, fritz, KY, 32, Edens, Kiwis, Kamumaruha, DODIG, Firefly, HRM, Albright, Bellcore, rail, csim, NMS, 2c, FIPS140-1, CAVE, E-Bomb, CDMA, Fortezza, 355ml, ISSC, cybercash, NAWAS, government, NSY, hate, speedbump, joe, illuminati, BOSS, Kourou, Misawa, Morse, HF, P415, ladylove, fi! lofax, Gulf, lamma, Unit 5707, Sayeret Mat'Kal, Unit 669, Sayeret Golani, Lanceros, Summercon, NSADS, president, ISFR, freedom, ISSO, walburn, Defcon VI, DC6, Larson, P99, HERF pipe-bomb, 2.3 Oz., cocaine, \$, impact, Roswell, ESN, COS, E.T., credit card, b9, fraud, ST1, assassinate, virus, ISCS, ISPR, anarchy, rogue, mailbomb, 888, Chelsea, 1997, Whitewater, MOD, York, plutonium, William Gates, clone, BATF, SGDN, Nike, WWSV, Atlas, IWWSVCS, Delta, TWA, Kiwi, PGP 2.6.2., PGP 5.0i, PGP 5.1, siliconpimp, SASSTIXS, IWG, Lynch, 414, Face, Pixar, IRIDF, NSRB, eternity server, Skytel, Yukon, Templeton, Johohonbu, LUK, Cohiba, Soros, Standford, niche, ISEP, ISEC, 51, H&K, USP, ^, sardine, bank, EUB, USP, PCS,



NRO, Red Cell, NSOF, Glock 26, snuffle, Patel, package, ISI, INR, INS, IRS, GRU, RUOP, GSS, NSP, SRI, Ronco, Armani, BOSS, Chobetsu, FBIS, BND, SISDE, FSB, BfV, IB, froglegs, JITEM, SADF, advise, TUSA, LITE, PKK, HoHoCon, SISMI, ISG, FIS, MSW, Spyderco, UOP, SSCI, NIMA, HAMASMOIS, SVR, SIN, advisors, SAP, Monica, OAU, PFS, Aladdin, AG, chameleon man, Hutsul, CESID, Bess, rail gun, .375, Peering, CSC, Tangimoana Beach, Commecen, Vanuatu, Kwajalein, LHI, DRM, GSGI, DST, MITI, JERTO, SDF, Koancho, Blenheim, Rivera, Kyudanki, varon, 310, 17, 312, NB, CBM, CTP, Sardine, SBIRS, jaws, SGDN, ADIU, DEADBEEF, IDP, IDF, Halibut, SONANGOL, Flu, &, Loin, PGP 5.53, meta, Faber, SFPD, EG&G, ISEP, blackjack, Fox, Aum, AIEWS, AMW, RHL, Baranyi, WORM, MP5K-SD, 1071, WINGS, cdi, VIA, DynCorp, UXO, Ti, WWSP, WID, osco, Mary, honor, Templar, THAAD, package, CISD, ISG, BIOLWPN, JRA, ISB, ISDS, chosen, LBSD, van, schloss, secops, DCSS, DPSD, LIF, PRIME, SURVIAC, telex, SP4, Analyzer, embassy, Golf, B61-7, Maple, Tokyo, ERR, SBU, Threat, JPL, Tess, SE, EPL, SPINTCOM, ISS-ADP, Merv, Mexico, SUR, SO13, Rojdykarna, airframe, 510, EuroFed, Avi, shelter, Crypto AG. (RENSE, 2005)

Para a maior parte dos usuários comuns da Internet, a comunicação continuará fluindo da maneira livre à qual se acostumaram. No entanto, ao controlarem os provedores de serviços eletrônicos e estabelecerem protocolos de vigilância para redes específicas, os serviços de inteligência e repressão estatais tornam possível o controle da comunicação e a punição, do que lhes aprouver considerar criminoso (e assim for julgado em bases legais) *ex post facto*.

## Conclusão

O que se pode concluir da - ainda diminuta, no entanto rica – bibliografia sobre netwar e os movimentos sociais que a utilizam é que netwar não é um fenômeno conjuntural, passageiro.

A netwar surgiu como apropriação das estruturas de tecnologia comunicativa por parte de organizações e indivíduos, desejosos de influir politicamente além das possibilidades tradicionais.

O uso de rede como forma de organização e atuação não se configura como novidade no plano histórico. Entretanto, a estruturação da sociedade em torno de redes eletrônicas evidenciou as benesses das networks face às hierarquias tradicionais. Isto já era claro no mundo empresarial, mas, a partir da década de 1990, mostrou a eficácia de seu emprego no ativismo, na militância e mesmo no terrorismo.

O advento da netwar mostrou-se um duplo desafio. Um para a sociedade civil, à militância político-social, de romper com a burocratização de estruturas tradicionais das lutas sindicais, partidárias, ortodoxamente marxistas, em prol da adaptação a um ativismo sem líderes, sem ordens, que se solte das amarras de suas origens, de seus localismos, e busque o consenso de outras organizações, de outros militantes, que busque apoio em nível global. Ciente de que esta é uma resposta sensata à dinâmica de um mundo em processo de globalização.

Como o poder funciona cada vez mais em redes globais (...) os movimentos se defrontam com a necessidade de obter o mesmo alcance global dos poderes vigentes, exercendo seu próprio impacto sobre a mídia, através de ações simbólicas (...) num mundo caracterizado por interdependência global e moldado pela informação e a comunicação, a capacidade de atuar sobre fluxos de informação, e sobre mensagens de mídia, torna-se uma ferramenta essencial para a promoção de um programa político (CASTELLS, 2003, pp 118-132)

O outro desafio, relaciona-se aos Estados, que vêem a soberania solapar-se em dois âmbitos: o econômico, pela interdependência das nações e suas relações liberais para com o mercado; e o social, à medida em que esfacela-se os sistemas tradicionais de controle e

repressão à militância política, ao engajamento social, e sobretudo às redes terroristas e cartéis criminosos.

A Internet é a arena privilegiada na qual se dará o conflito por mentes e corações travado pelos Estados, ou redes de Estados, e as mais diversas organizações, de diferentes matizes e interesses. O poder será exercido e disputado pela produção e conexão de nós nas diversas redes eletrônicas e sociais, e pela produção de conteúdos de informação.

Em si mesma, a Internet não trará quaisquer liberdades ou emancipações utópicas almeçadas pelo homem. Tampouco será o algoz de qualquer passado idílico, nem o *Big Brother* orwelliano. A Net é uma construção social. É dinâmica, reconfigurar-se-á diversas vezes, como já o fez e próprio de sua tecnologia e sua cultura. A liberdade nunca é apresentada ao ser humano, onde quer que ele se encontre. É sempre uma luta, que revela sua capacidade de fazer valer sua autonomia e definir a si próprio.

De igual modo, a netwar é um modelo, um referencial, que pode ser usado por bons propósitos bem como servir a maus intentos, sendo, é claro, os conceitos de Bem e Mal, Certo e Errado, subjetivos.

No contexto atual, a obtenção e divulgação de informação é mais importante do que nunca, embora sempre tenha sido estratégica. Até pelo excesso de dados e fatos, na maior parte irrelevantes, bombardeados pela mídia sobre hordas de consumidores, aos quais se oferece como interatividade canais que estimulem mais o consumismo e menos o engajamento cívico, é imprescindível valorizar o agir comunicativo.

Os movimentos sociais na sociedade da informação “provocam seu impacto através do mundo da mídia, e atuam sobre instituições e organizações por meio das repercussões de seu impacto sobre a opinião pública. Esses movimentos pretendem conquistar poder sobre a mente, não sobre o Estado” (CASTELLS, 2003, p.117)

É o que demonstram e propõem, com sucesso, movimentos, como os citados por esta monografia: Exército Zapatista de Libertação Nacional, MoveOn, *International Campaign to Ban Landmines* e *Tute Bianche*, bem como muitos outros, e muitos mais que surgirão por estes inspirados.

A solidariedade demonstrada por multidões de atores políticos diferentes em torno de questões consensuais e agendas comuns de mobilização nos famosos protestos anti-globalização e anti-OMC (Organização Mundial do Comércio), em Gênova e Seattle,

evidenciam que o fenômeno se agiganta. Essa interação vista nesse engajamento, em reuniões internacionais, como o Fórum Social Mundial, mostra que está se formando uma sociedade civil global, que vem se somar a um mercado já globalizado e às políticas de Estado já conformadas a um pensamento de rede. A Era da Informação faz, de fato, emergir uma sociedade em rede.

Somente com boas narrativas e uma estratégia eficiente de comunicação, indivíduos, grupos, ONGs, conseguirão sobrepujar o emaranhado de informação rotineira e/ou supérflua, para comunicarem seus anseios, demandas e propostas, que por mais regionais que sejam, precisam falar ao mundo

## **Bibliografia**

BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: as conseqüências humanas*. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999. 145 p.

CASTELLS, Manuel. *A Galáxia da Internet: Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Tradução de Maria Luiza X. de <sup>a</sup> Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. 243 p.

FIGUEIREDO, Guilherme Gitahy de. *A guerra é o espetáculo: origens e transformações da estratégia do EZLN*. 2003. 366 p. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Estadual de Campinas. Campinas.

HARDT, Michael *et* NEGRI, Antonio. *Imperio*. Tradução de Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2001. 501 p.

## **Bibliografia eletrônica**

BRITISH NATIONAL FRONT. [www.natfront.com](http://www.natfront.com) 15/04/2005

EZLN COMMUNIQUES. <http://www.ezln.org/documentos/index.html> 14/11/2005

FREE REPUBLIC. America's Secret Weapon: It takes a network to beat a network. <http://www.freerepublic.com/focus/f-news/575972/posts> 27/05/2005

FRONT NATIONAL. [www.front-national.com](http://www.front-national.com) 15/04/2005

HARVARD LAW SCHOOL. Social Democracy Literature and Cases. <http://cyber.law.harvard.edu/digitaldemocracy/welch-socialdemocracy-24aug03.pdf> 30/05/2005

INTERNATIONAL CAMPAIGN TO BAN LANDMINES. <http://www.icbl.org>  
23/04/2005

JEFF RENSE PROGRAM. <http://www.rense.com/> 11/11/2005

LIBRARY OF CONGRESS – FEDERAL RESEARCH DIVISION. Criminal and Terrorist  
Activity in Mexico. [http://www.loc.gov/rr/frd/pdf-files/OrgCrime\\_Mexico.pdf](http://www.loc.gov/rr/frd/pdf-files/OrgCrime_Mexico.pdf) 23/04/2005

RAND. Networks and Netwars: The Future of Terror, Crime and Militancy.  
<http://www.rand.org/publications/MR/MR1382/> 27/05/2005

SOCIALIST REVIEW. Capitalism and war: theories of conflict.  
<http://pubs.socialistreviewindex.org.uk/sr258/callinicos.htm> 27/05/2005

STORMFRONT, White Nationalist Community – Discussion Board for Activists.  
[www.stormfront.org](http://www.stormfront.org) 15/04/2005